



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

DANIEL FREITAS CONCEIÇÃO

**A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NO
MUNICÍPIO DE AMARGOSA - BA**

AMARGOSA - BA

2021

DANIEL FREITAS CONCEIÇÃO

**A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NO
MUNICÍPIO DE AMARGOSA - BA**

Trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura
Plena em Pedagogia, apresentado à banca
examinadora da Universidade Federal do Recôncavo
da Bahia, como obtenção do título Licenciada em
Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Gilselia Macedo Cardoso
Freitas.

AMARGOSA - BA

2021

DANIEL FREITAS CONCEIÇÃO

**A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NO
MUNICÍPIO DE AMARGOSA - BA**

Trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, apresentado à banca examinadora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como obtenção do título Licenciado em Pedagogia, pela seguinte banca examinadora.

Aprovado em 29/09/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a. GILSELIA MACEDO CARDOSO FREITAS (ORIENTADORA)

Doutora em Educação – UDELMAR
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB



Prof.^a Dr.^a. ALICE COSTA MACEDO (AVALIADORA 01)

Doutora em Psicologia – USP
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB



Prof.^a Dr.^a. MARIA EURÁCIA BARRETO ANDRADE (AVALIADORA 02)

Doutora em Educação – UA
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB

Amargosa/Ba 29/09/2021.

Dedico mais essa vitória a meu Deus Jeová, pela força e coragem enviadas a mim durante todo esse tempo, a minha Família meu amor maior minha mãe Maria José, “seu” Zequinha, Daiane, Denis e minha sobrinha linda Thabita, e meu sobrinho Théo, pelo amor e apoio demonstrado, as palavras de encorajamento e paciência, aos poucos e bons amigos que fiz durante essa caminhada acadêmica e aos ótimos professores-amigos que encontrei que mudaram para sempre minha vida e terão para sempre minha gratidão e máximo respeito pelo trabalho docente desempenhado.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a meu Deus Jeová, por sempre estar ao meu lado, me concedendo sabedoria, discernimento e força além do normal para que esse momento tão esperado se realiza-se.

Agradeço de todo o meu coraçãozinho, a toda minha família que sempre me deu o apoio necessário, me ajudou e acompanharam de perto toda minha trajetória, sem vocês com certeza eu não conseguiria chegar até aqui, agradeço a meu amor maior minha **MÃE** com M maiúsculo, Dona Maria José, conhecida como Zélita, que me apoiou desde o momento que eu quis fazer um trajeto diferente e estudar mais, Cruz das Almas, Cachoeira e agora Amargosa, não foi fácil né Mainha! Deixar seu filho caçula, sair das suas asas é pra outra cidade, aventurar um sonho, mas que bom que deu tudo certo. A senhora é a mulher mais fantástica e esforçada que tive o prazer de conhecer, me vem a memória tudo que nós já vivemos, e a senhora muito forte nunca me deixou sozinho, dona Zélita você não sabe o tamanho da minha **GRATIDÃO** por ser seu filho, tudo isso que senhora já fez e faz por mim eu não tenho como lhe retribuir, mas mesmo assim lhe dou um presente, essa monografia é dedicada a senhora e a meu pai.

Falando nele, o senhor José, ou Zequinha o homem de 1,50m, mais curtidor que eu conheço, que sempre me chama no quarto para dar aqueles conselhos de umas 10 palavras, mas que faz todo o sentido, obrigado pelos jogos do Bahia juntos, pelos mimos quanto eu chego em casa e as risadas, e os puxões de orelha, quando eu ser pai, quero ser igualzinho a você. Muito obrigado a meus dois irmãos, por ordem cronológica primeiro a Daiane, minha irmãzinha que eu sei que é minha fã, à pessoa da família que eu mais brigo, a menina é brava, que agora está gerando uma sementinha com Nathan, o pequeno Théo que eu vou usar as metodologias pedagógicas que eu aprendi na universidade, que ele venha com muita saúde esse lindão. A Denilson meu irmãozinho, muito obrigado a você também pelo apoio, pelas partidas de Free Fire e por nossas resenhas, não esquecendo da minha primeira sobrinha Thabita, a preta mais linda do mundo.

Agradeço a todos da minha família Freitas e Conceição, a minha maravilhosa Avó materna Maria de Lurdes (in memoriam), minha avó paterna Dona Amália, a meus tios Bartolomeu, José Luiz, Cosme, Mario, Manuel, Diolino, Careca, a todos meus primos: Diego, Emanuele, Samuel, Maira, Cintia, Paula, Jackson, Diogo as minhas tias Eide, Nailza e Eliana vocês são parte de mim, estarão comigo pra sempre.

Venho demonstrar profunda consideração aos poucos e bons amigos que fiz nesta caminhada universitária aqui em Amargosa, agradeço a primeira república que morei a Romanos 15 obrigado a Fabiana, Michele, Elton e Vinicius Sanxa, por me acolher e me ajudar em momentos muitos difíceis tenho em minha memória todas as nossas lembranças e afeto, a minha segunda república com os caras mais fofos desse mundo que são Clebison, Rob, e Antônio que tive o prazer de ser acompanhados por eles nesse processo final.

A graduação foi um divisor de águas em minha vida, aprendi muito, escutei, falei, fiz ocupação, passei por trote, sair em reportagem no Amargosa News contra o sucateamento da educação, conheci vários estados apresentando minhas produções, fiz uma empresa de eventos universitários. Vivi isso ao lado de pessoas fantásticas, agradeço a você Talita Silva e Milena Oliveira as empresarias, por geramos esse filhinho que é o Sindicato Produções, a melhor produtora do mundo, a minhas amigas Leidiane Santos, Andreia Novais, Lua Novaes as meninas que me passaram poucas e boas comigo para chegar nesse diploma. Gratidão a Jeane Amorim pelo carinho e apoio desde o começo dessa caminhada, a minha nova agregada que me ajudou muito Laura Pereira, que o que falta em tamanho ela compensa em estresse. A todos os funcionários do CFP, as tias da copa, Bel Moto - Taxi, Renatinha da xerox, todos vocês tiveram uma importância muito grande nesse sonho.

A meus amigos na minha querida cidade Conceição do Almeida, muito obrigado a todos vocês em especial meu amigo Del Barreto, que me acompanhada desde o ensino fundamental, o cara que falo todos os dias, queria te dizer que fico grato em ser seu amigo, obrigado a Leidiane Marques, Gledson Neri, Flavia Andrade, Naldinho, Adailton, a meu amigo Dio Neiva pelas infinitas caronas dadas a esse universitário, agradeço a todos que contribuíram para que isso se realiza-se.

Muito obrigado a minha namorada e companheira de luta Luiza, que está do meu lado nos altos e baixos me apoiando na construção desse sonho, com você as pedras e barreiras do caminho ficaram mais fáceis de serem vencidas, agradeço também a sua família pelo carinho a cuidado demonstrado.

Agradeço a meus amigos de viagens: Allan Duarte, o qual tenho um carinho e respeito muito grande, Maicon, Lucas, Henrique, gratidão pelo companheirismo.

Obrigado as minhas duas entrevistadas, pelas falas, disponibilidade e por encarar comigo esse desafio, suas participações foram de extrema importância para a construção dessa monografia e no meu crescimento humano.

Aos meus queridos professores-amigos do CFP muito obrigado, sem vocês eu não conseguiria trilhar esses caminhos do lecionar, todos vocês provocaram uma transformação

gigantesca em mim. Obrigado a você, minha querida Pró Maria Eurácia, não sei como seu coração cabe todo aí dentro, sou um fã seu, não somente pela maravilhosa profissional que você é, mas por esse ser humano iluminado e único que é Eurácia. Eu particularmente não sei como você consegue fazer as coisas que fez, porque sei que é humanamente impossível e você consegue fazer tudo com excelência, nunca vou esquecer dos conselhos, dos elogios, do prazer que me deu em me chamar para ser seu monitor, dos sorrisos, dos beijos e abraços espero ser pelo menos a metade do profissional, hoje se eu estou concluindo esse curso, devo muito a você. Aos professores: Maicelma Maia, Fernando Tisque, Marcus Pereira, agradeço muito a vocês pelas enriquecedoras aulas, os debates, as problemáticas, morro de saudades e espero que nossos caminhos se cruzem novamente.

Gostaria de agradecer também a minha maravilhosa, fantástica, fenomenal orientadora profa. Dr^a Gilsélia, por me indicar caminhos para a realização desse sonho compartilhado, ela é umas das pessoas mais doce que tive a honra de conhecer, sei como foi difícil pra ela durante esse tempo as adversidades da vida, passamos muitas coisas juntinhos, mas nunca deixou de ser profissional e humana comigo. Pró muito obrigado pelas maravilhosas orientações, pelo carinho, cuidado, atenção, paciência demonstrada a mim durante esse período, você sempre vai fazer parte da minha vida, como disse a você em um dos nossos encontros, nossa ligação está gravada em mim como uma tatuagem, e por isso eu serei **ETERNAMENTE GRATO.**

A todos mencionados que contribuíram para esse sonho de forma direta ou indireta, é com lágrimas nos olhos e o coração cheio de amor que agradeço por tudo. **VOCÊS TÊM MINHA ETERNA GRATIDÃO.**

Mainha! Seu filho formou.

*“Porque quando estou fraco, então é que sou
poderoso” 2 Cor: 12:10*

CONCEIÇÃO, Daniel Freitas. **A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NO MUNICÍPIO DE AMARGOSA- BA.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa, 2021.

RESUMO

Introdução: Sabe-se que a educação que se pratica nas escolas consideradas regulares tem sua organização planejada de forma disciplinar, na maioria das vezes, sobretudo com um currículo que deve ser seguido pelos educadores através de planos e metas a serem atingidos em determinado período de tempo. **Objetivo:** Buscar a relevância da atuação do pedagogo nos espaços de educação não formal na cidade de Amargosa-BA, como analisar mais de perto o trabalho desempenhado pelos projetos sociais no município. **Métodos:** A pesquisa foi baseada no caráter qualitativo, com entrevistas semiestruturadas com duas profissionais formandas no curso de pedagogia, que atuam em dois projetos sociais distintos, o Ponto de Leitura que fica localizado no bairro Urbis II e a Associação Beneficente Oásis no bairro da Catiara, que terá a abordagem e reflexão na análise de dados. O referencial teórico que fundamentou esse trabalho monográfico está baseado nas abordagens de Gohn (2006), Brandão (1998), Libâneo (1999), Gadotti (2005). **Resultados e Discussão:** Entendemos a relevância desses espaços de educação não formal para a comunidade que orienta e acolhe o sujeito para uma transformação social, sobre tudo a importância da atuação do Pedagogo nessa modalidade de ensino, que esteja preparado para conseguir suprir as demandas de tantos desafios, e percalços. **Conclusão:** Os resultados da pesquisa indicam a necessidade de um olhar especial para esses projetos sociais que são excluídos em sua maioria, mesmo desempenhando um papel fantástico na educação de crianças de comunidades carentes com grandes desafios sociais.

Palavras-chave: Educação não formal. Projetos sociais. Pedagogo.

CONCEIÇÃO, Daniel Freitas. **THE PERFORMANCE OF THE PEDAGOGO IN NON-FORMAL EDUCATION SPACES IN THE MUNICIPALITY OF AMARGOSA-BA.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa, 2021.

ABSTRACT

Introduction: It is known that education that is practiced in schools considered regular has its organization planned in a disciplinary manner, most of the time, especially with a curriculum that must be followed by educators through plans and goals to be achieved in a given period of time. **Aim:** To seek the relevance of the pedagogue's performance in non-formal education spaces in the city of Amargosa-BA, as a way to analyze more closely the work performed by social projects in the municipality. **Methods:** The research was based on qualitative character, with semi-structured interviews with two professionals graduated in the pedagogy course, who work in two different social projects, the Reading Point which is located in the Urbis II neighborhood and the Beneficent Oasis Association in the Catiara neighborhood, which will have the approach and reflection in data analysis. The theoretical framework that founded this monographic work is based on the approaches of Gohn (2006), Brandão (1998), Libâneo (1999), Gadotti (2005). **Results and Discussion:** We understand the relevance of these spaces of non-formal education for the community that guides and welcomes subjects for a social transformation, especially the importance of the role of the Pedagogue in this teaching modality, who is prepared to be able to meet the demands of so many challenges, and mishaps. **Conclusion:** The survey results indicate the need for a special look at these social projects that are mostly excluded, even though they play a fantastic role in the education of children from underprivileged communities with major social challenges.

Keywords: Non-formal education. Social projects. Pedagogue.

LISTA DE ABREVIATURAS

CASA do DUCA – Centro de Artes de Amargosa Diversidade, Universidade, Cultura e Ancestralidade

CFP - Centro de Formação de Professores

DCN - Diretrizes Curriculares Nacionais

EJAI – Educação de Jovens Adultos e Idosos

FACE - Faculdade de Ciências Educacionais

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ONG's – Organizações não Governamentais

PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

UFRB - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 - Praça Lourival Monte.....	39
FIGURA 02 – Comércio Local.....	40
FIGURA 03 - Praça do Bosque (local onde é realizado os Festejos Juninos).....	41

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 - Perfil dos colaboradores.....	43
--	-----------

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 EDUCAÇÃO QUE LIBERTA E EDUCAÇÃO QUE APRISIONA	19
1.1 A EDUCAÇÃO NO ESPAÇO FORMAL	21
1.2 A EDUCAÇÃO NO ESPAÇO INFORMAL.....	21
1.3 A EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL	22
1.4 CONTEXTO NÃO FORMAL DE EDUCAÇÃO: GARANTIA DE DIREITOS E HUMANIZAÇÃO	23
2 PEDAGOGIA, FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O PAPEL DO PEDAGOGO...25	
2.1 TRAÇOS E ENTRELAÇOS DA PEDAGOGIA: LEI QUE AMPARA A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO NOS ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO	26
2.2 O PEDAGOGO NO ESPAÇO NÃO FORMAL.....	28
3 PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	31
3.1 ABORDAGEM DA PESQUISA	32
3.2 TIPO DE PESQUISA.....	33
3.3 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	34
3.4 SITUANDO O LÓCUS DE PESQUISA.....	35
3.5 CONHECENDO AS COLABORADORAS DA PESQUISA	36
3.6 ANÁLISE DE DADOS	36
4 AMARGOSA, CIDADE JARDIM, QUE COLHE AS FLORES E VOOS DA EDUCAÇÃO NÃO- FORMAL	38
4.1 O VÔO DAS AMARGOSAS.....	38
4.2 REFLETINDO SOBRE O FAZER DOCENTE ATRAVÉS DAS NARRATIVAS DAS COLABORADORAS DA PESQUISA	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS	58
APÊNDICES	60
APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	60
APÊNDICE 2 – Questionário (docente).....	62
APÊNDICE 3 - Transcrições das entrevistas.....	67

INTRODUÇÃO

A referida pesquisa que agora se apresenta como monografia, tem como objetivo analisar a atuação do pedagogo em espaços de educação não formais. Essa inquietação surgiu a partir da minha¹ inserção no estágio realizado no 5º semestre da disciplina Gestão do Trabalho Pedagógico em Ambientes não Escolares, em que após as discussões em sala de aula e diante das referências teóricas discutidas despertou o interesse de conhecer mais sobre o tema, em especial os formatos das ações pedagógicas desses espaços.

A grosso modo, sabemos que a educação que se pratica nas escolas consideradas regulares tem sua organização planejada de forma disciplinar, na maioria das vezes, sobretudo com um currículo que deve ser seguido pelos educadores através de planos e metas a serem atingidos em determinado período de tempo. Nesse sentido, visam um projeto conteudista para ser apresentado durante o ano letivo, o que muitas das vezes não contemplam a todos os alunos e que por muitos outros fatores não levam em conta que cada sujeito tem o seu tempo de aprendizagem e com saberes distintos incorporados pelas experiências da sua existência.

A partir da perspectiva da educação não formal que concebe uma outra proposta de educação totalmente diferenciada para cada sujeito, levando em conta suas peculiaridades, limites e tempo de aprendizagem e humanização, no caso desse estudo, o lócus escolhido são dois espaços em Amargosa, o Ponto de Leitura e o Cento de Convivência Oasis.

O Ponto de Leitura desenvolve ações pedagógicas com crianças carentes da comunidade URBIS II e envolve a coordenadora, os próprios membros da comunidade, policiais, docentes da rede municipal de educação, empresários que realizam um trabalho filantrópico e discentes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, que já conhecem a proposta e se dispõem em ir ajudar o projeto como voluntários ou através da realização de estágios obrigatórios em espaço não escolar. Os graduandos/as na condição de voluntários aplicam suas práticas pedagógicas para as crianças, promovendo intervenções no intuito de auxiliar a comunicação da família junto com a sociedade, além de fortalecer e viabilizar a descoberta de novas potencialidades, contribuindo também na autoestima dos sujeitos, já que muitos alunos que frequentam o espaço passam por um processo de vulnerabilidade social.

O segundo espaço a ser investigado é a Associação Beneficente Centro de Convivência Oasis, que é organizado por uma pedagoga e que constrói um diálogo com a comunidade que se aproxima da prática social do Ponto de Leitura, a priori pelo fato dos dois

¹ Justifico o uso da primeira pessoa no singular para demonstrar a minha implicação com a pesquisa que segue.

projetos se localizarem em bairros periféricos da cidade de Amargosa, contudo se diferenciam nas perspectivas metodológicas e ideológicas de organização do trabalho pedagógico.

O Oásis fica localizado na Catiara que tem como proposta uma ONG sem fins lucrativos e acolhe crianças e adolescentes de ambos os sexos, na faixa etária de 7 a 17 anos, e ainda acolhe mulheres/ mães das crianças que do projeto participam. Neste espaço se desenvolvem ações educativas, oficinas para as pessoas que o frequentam, para contribuir com seu papel como cidadão, como sujeito transformador do seu meio social.

Analisando essas ações educativas, esses espaços não formais aparecem com uma proposta muito diferente do ensino nas escolas que seguem um modelo de educação sistemática. Assim sendo a minha pesquisa persegue a seguinte problemática: em que medida esses espaços desenvolvem ações de cunho educativo e como acontece a atuação do pedagogo/a no sentido de valorizar a subjetividades dos sujeitos inserido?

Diante do que foi abordado no estágio do qual mencionei anteriormente, me deparei com crianças de várias faixas etárias entre 5 a 13 anos, com diferentes realidades sociais e foi possível capturar que a intencionalidade da gestora com o seu projeto social é proporcionar às crianças um desenvolvimento maior na prática da leitura e na escrita, em detrimento dos aspectos de ordem social, política, ou mesmo na autoestima das crianças e adolescentes que o frequentam o espaço.

Ainda, neste estudo busca-se contribuir através dos resultados da pesquisa como o Licenciando em Pedagogia se enxerga diante das situações adversas, encontrando nesses espaços crianças com uma diversidade de necessidades especiais, com diferentes faixas etárias, visando saídas para garantir a aprendizagem dessas crianças, já que as metodologias e a didática aplicadas no ambiente não-formal são diferentes das que são usadas/utilizadas? no contexto da escolar regular, ou seja visando uma nova perspectiva para o sujeito. Libâneo (1999, p.59) complementa:

Todos os educadores seriamente interessados nas ciências da educação, entre elas a Pedagogia, precisam concentrar esforços em propostas de intervenção pedagógica nas várias esferas do educativo para enfrentamento dos desafios colocados pelas novas realidades do mundo contemporâneo (LIBÂNEO, 1999, p.59).

Para o autor, a educação está em todos os espaços, no campo familiar, social e em espaços educativos propriamente ditos, bem como se reproduzem de várias outras maneiras, e no contexto que nos encontramos em constantes transformações no que tange a educação. Nessa maneira, Brandão (1988, p.7) afirma também que “ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja, ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços

da vida com ela...” corroborando com o pensamento de Brandão, existem infinitos campos onde nos deparamos com a educação, ela não está engessada e não se limita apenas a um lugar ou instituição específica, logo não existe um modelo ou forma única dela acontecer.

Dessa maneira, conforme dito anteriormente, o objetivo central dessa pesquisa é analisar a atuação do pedagogo nos espaços não formais, (ONGS) em especial o Ponto de Leitura e o Centro de Convivência Oasis, para tanto os objetivos específicos são: conhecer como os pedagogos desenvolvem as suas práticas pedagógicas em espaços não formais; compreender a motivação institucional para contratar o pedagogo; discutir os desafios e contribuições da atuação não formal para a vida profissional do pedagogo.

Para o desenvolvimento do referencial teórico dessa pesquisa, conversaremos com autores que abordem sobre o tema da pesquisa e para iniciar discutiremos sobre os diferentes tipos de educação nos diferentes espaços educativos, corroborando com a reflexão trago Gohn (2006, p. 2-3) que diz:

A princípio podemos demarcar seus campos de desenvolvimento: a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdo previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante o seu processo de socialização – na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas (GOHN, 2006, p. 2-3).

Assim compartilhando as ideias de Gohn, percebe-se que as práticas pedagógicas aplicadas pelos profissionais da educação em espaços não escolares, visam incitar outros campos e sentidos que não são tão trabalhados na educação formal de ensino, levando sempre em conta a riqueza do contexto em que se vive e a subjetividade do sujeito. Destarte, os ambientes não-formais também são espaços de troca de conhecimentos com a sociedade.

Para tanto, os autores centrais desse estudo são: Gohn (2006) para tratar sobre ONGs movimentos sócias e espaços não formais, Brandão (1998) trazendo os tipos e como se entende a educação juntamente com Libaneo (1999).

Do ponto de vista do percurso metodológico o estudo se ampara na abordagem qualitativa. Para a recolha dos dados utilizaremos a entrevista semiestruturada através da elaboração de um roteiro. Os colaboradores da pesquisa serão dois coordenadores/gestores das instituições já mencionadas, assim o maior detalhamento irá constar no capítulo 4.

No que se refere às dimensões da pesquisa, do ponto de vista pessoal, essa pesquisa me toca sobretudo como pessoa, pois compreender como se dá os processos de educação fora da sala de aula é fantástico, sendo que eu sempre me perguntei se de fato uma sala quadrada

com cadeiras enfileiradas e um quadro branco é a forma mais eficaz no processo educacional. Além disso, na condição de futuro licenciado em pedagogia, que posso em algum momento me deparar com uma oportunidade de trabalhar nesses espaços e, ter um conhecimento prévio de como tais organizações desempenham o seu trabalho, e aumentar experiência a favor da docência com decência.

A pesquisa tem relevância no campo acadêmico, sobretudo porque é uma dimensão da educação pouco discutida, pouco evidenciada inclusive no processo formativo do pedagogo. Essa é uma perspectiva fundamental e ganha força na contemporaneidade, pois os espaços não formais são complementares à escola, o que as escolas não conseguem dar conta, os espaços não formais acabam suprimindo a necessidade. Assim, o debate é um ganho para a academia ao produzir estudos na temática evidenciada e, levando em conta outros estudos monográficos já realizados no âmbito do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), o estudo aqui em desenvolvimento, amplia a possibilidade de divulgar e ao mesmo tempo potencializar as licenciaturas no contexto atual de ataques do conservadorismo à educação, escolas, pesquisas científicas e produção intelectual.

Sob o ponto de vista social enfatizo o papel desses espaços no cumprimento da tarefa educacional na ausência do Estado, partindo do pressuposto que a educação é um direito de todos, essas instituições se inserem em uma perspectiva do direito social da humanização do sujeito de indicar caminhos para ser um cidadão atuante, trazendo um novo olhar sobre o que é a educação não formal.

Por fim, a monografia está dividida em quatro capítulos. De entrada temos a introdução em que será abordado o problema da pesquisa, objetivos, sinaliza o embasamento teórico e as primeiras incursões metodológicas da pesquisa. O primeiro capítulo aborda o conceito e o que se entende por educação, bem como a relação entre a educação não formal, informal e formal. O segundo capítulo apresenta como as políticas públicas cercam e legitimam esse processo educacional e como as leis amparam o licenciado em Pedagogia na sua atuação em espaços não formais. Já terceiro capítulo desenha todo o caminho metodológico trilhado para a referida monografia. E o quarto e último capítulo contara sobre as reflexões, do construir e reconstruir esse papel do professor pedagogo nas inúmeras esferas da educação e a partir disso buscar sempre dar o melhor no que diz respeito à docência, abordando de forma mais aprofundada como acontece a atuação do pedagogo no espaço não formal, seus limites e estratégias para garantir um trabalho sério e de excelência na dialogicidade com o campo educacional.

Por fim, no trabalho de conclusão de curso, almejo que aguice a atenção dos leitores que tem interesse pela temática, que contribua para a vida acadêmica e profissional da área a fim de compreender a importância da educação não formal.

1 EDUCAÇÃO QUE LIBERTA E EDUCAÇÃO QUE APRISIONA

Neste capítulo, vamos discutir as diferentes formas como a educação é vista e pontuada no decorrer da história levando em conta os debates, críticas e relevância ao redor dela. A educação sempre foi vista como um conjunto de normas, conteúdos, conceitos e conhecimentos que dever ser inerente ao ser humano, ou seja, para um convívio de um sujeito civilizado na sociedade, necessariamente deveria ser educado.

Dessa maneira, a escola por muitos anos foi considerada a única instituição educacional legítima na sociedade juntamente com os professores que iriam proporcionar, propagar, e encaminhar esse aprendizado aos seus educandos. De acordo com Brandão (1988, p. 9), “não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é seu único praticante...” partindo desse pressuposto a educação está onde ainda não existe escolas podemos dizer que ela é onipresente onde for feito trocas de saberes, costumes, crenças, relações de poder e tradições essas práticas são consideradas educacionais.

Na história da humanidade, a educação sempre foi usada como objeto das relações de poder, seja para uma forma de favorecimento burguesia ou manutenção do *status quo*, já que o acesso à educação era apenas para as famílias burguesas, sobretudo enquanto mola propulsora das desigualdades sociais.

Diante das leituras realizadas no livro, O que é Educação, de Carlos Rodrigues Brandão, aponta-se que a educação sempre emergiu diante de um contexto social de controle do processo do ensinar-e-aprender, ou mesmo para desenvolver métodos conservadores no ensino formal, mas a construção do homem como sujeito do seu processo educativo se dá de forma mais abrangente que as paredes da escola, essa formação transcende o que o currículo pré-estabelecido exige, é um conjunto de ações socioculturais que oportuniza interações sociais.

Conforme Brandão (1988, p. 11) “[...] a educação participa do processo de produção de crenças e ideias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto, constroem tipos de sociedades. E esta é a sua força [...]” ou seja a educação para Brandão deveria ter uma abordagem política, social e econômica que possibilitaria um objetivo real auxiliando o sujeito no seu crescimento e desenvolvimento de suas potencialidades, como cidadão, profissional, sua moralidade e no seu espírito.

Pensando na educação partindo desse viés social, de trocas de conhecimento, saberes e experiências que não está apenas na escola a única forma de aprender e que o professor não é a sua única representação, percebemos que existem outros lados, olhares e pontos de vistas sobre o que é a educação e seu papel na sociedade.

Onde um tipo de educação pode tomar homens e mulheres, crianças e velhos, para torná-los todos sujeitos livres que por igual repartem uma mesma vida comunitária; um outro tipo de educação pode tomar os mesmos homens, das mesmas idades, para ensinar uns a serem senhores e outros, escravos, ensinando-os a pensarem, dentro das mesmas ideias e com as mesmas palavras, uns como senhores e outros como escravos (BRANDÃO, 1988, p. 34) .

Em conformidade com Brandão, a educação deveria ter uma proposta pedagógica libertadora, onde trouxesse um encaminhamento de mudanças sociais e políticas sendo tratada com uma desenvolvedora de valores culturais ou seja, todo o processo educacional sendo em uma instituição de ensino ou não, deveria por si só ser um mecanismo que possibilitasse aos sujeitos compreender os contextos sociais que estão inseridos e criassem estratégias para que esses entendam as desigualdades sociais de forma micro e macro, no seu desenvolvimento humano. Essa perspectiva dialoga com o pensamento de Paulo Freire, no seu livro *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa* (2015), onde o autor corrobora ao afirmar que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (2015, p.24).

Para Freire a educação pode tornar uma pessoa protagonista da sua própria história, ou apenas se acomodar, mostrando que a educação é um ato político, que transforma a sociedade em um lugar mais humano, solidário e ético e possibilita a construção de outros conhecimentos. A educação deve sempre campear por meios que assegurem os direitos em favor das classes oprimidas, pela igualdade e liberdade.

Até aqui apostamos na discussão acerca do conceito de educação no sentido mais amplo. Nas seções a seguir trataremos especificamente das categorias conceituais de educação em espaço formal, para em seguida concentrar atenção sobre o que entendemos por educação informal e não formal.

Em que pese as aproximações e distanciamentos desses termos, cabe nesse estudo trazer clareza sobre o entendimento da educação formal, informal e não-formal, sobretudo porque a distinção dos termos contribui para o entendimento do papel do pedagogo em espaços não formais e da centralidade da pesquisa.

1.1 A EDUCAÇÃO NO ESPAÇO FORMAL

O aporte teórico nessa seção busca uma reflexão sobre a educação nos espaços formais e nos próximos três subtítulos explicitaremos a diferença conceituais dos termos abordados nesse estudo, levando em conta as principais particularidades.

No que se tange à educação formal, a pesquisa no campo teórico aponta que a mesma acontece em espaços escolares que tem por objetivo concretizar a cultura do aprendizado do aluno diante de um sistema de ensino que se inicia desde a educação infantil até o ensino superior os quais, possuem currículo e normas a serem seguidas. De acordo com a Constituição Federal, promulgada em 1988, em seu Art. 205 aponta:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Evidenciamos que a educação formal é um direito previsto constitucionalmente, e dever do Estado provê-la. Como está na Constituição Federal a educação formal deve ser promovida e incentivada por toda a sociedade, sobretudo porque sua centralidade é contribuir para o desenvolvimento e formação humana. As demandas escolares têm o objetivo de transmitir conhecimentos através do professor para o aluno, sendo ela hierarquicamente estruturada.

Essa educação formal é regida por vários órgãos reguladores institucionalizados como o Ministério da Educação, que tem as suas Secretarias de Estado que fazem as fiscalizações necessárias e os Conselhos que são nos âmbitos: Nacional, Estadual e Municipal.

A educação formal possui marcos legais e, o coletivo de professores, diretores e coordenadores pedagógicos devem seguir as orientações e regulamentações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), conforme postula, da educação infantil até à educação superior.

1.2 A EDUCAÇÃO NO ESPAÇO INFORMAL

Neste subtítulo iremos abordar sobre o papel da educação no espaço informal, como se constrói essa educação, e onde ela pode ser encontrada sendo também uma modalidade de educação essencial para o indivíduo. Apresentamos primeiramente a família como “professores” desde o primeiro momento do nascimento, os pais ensinam seus filhos, onde a

criança começa a compreender a família, essa educação é passada de geração a geração. Segundo Gaspar (2005, p. 173):

Há muito mais a aprender e desde muito cedo: a língua materna, tarefas domésticas, normas de comportamento, rezar, caçar, pescar, cantar e dançar – sobreviver, enfim. E, para tanto, sempre existiu, também desde muito cedo, uma educação informal, a escola da vida, de mil milênios de existência (GASPAR, 2005, p.173).

A aprendizagem informal é casual e empírica, está presente no dia a dia e é totalmente diferente do que se aprendi nos âmbitos escolares, é o cotidiano que contribui para o desenvolvimento físico e intelectual, através das experiências a partir das vivências na sociedade, com familiares, é nesse meio que o ser humano aprende a ter respeito, a se relacionar com o próximo, incorpora valores, constrói sua identidade através das subjetividades, sejam elas individuais ou coletivas.

1.3 A EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

A educação não-formal, como o nome sugere, acontece fora dos espaços escolares, em diversos lugares como: clubes, jardins, bibliotecas, associações de bairros, nas organizações dos movimentos sociais, e com isso podemos dizer que é o limite entre as duas outras que já foram descritas nas seções anteriores. Esse tipo de educação assume uma postura muito diversificada, por isso ela não se submete a nenhum tipo de regulamentação educacional, mas entende todo o processo existente que ocorre dentro dos muros das escolas.

Nesses espaços alternativos de educação existe uma proposta que transmite uma bagagem de conhecimento em que são respeitadas as diferenças de tempo entre os sujeitos e os seus processos particulares de ensino-aprendizagem, apresentando uma metodologia totalmente pensada para as problemáticas dessas pessoas que estão inseridas neste contexto.

A educação não formal tem atenção com as formas de flexibilização dos conteúdos aplicados, pensando em cada grupo de forma individual e das identidades dos sujeitos que dela participam. Um dos pontos mais fortes desse tipo de educação é proporcionar a troca de saberes e conhecimentos visando a formação para o exercício da cidadania.

Para Gohn (2006), a educação não formal se dá no coletivo em união com outras pessoas, ou seja, aprendendo e ensinando coisas do mundo, do cotidiano, as suas vivências, ou seja, todos são professores e alunos ao mesmo tempo.

Há na educação não-formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes. A informais opera em ambientes espontâneos, onde as relações sociais se desenvolvem segundo gostos, preferências, ou pertencimentos herdados (GHON, 2006, p.29).

Ou seja, direcionar os caminhos para que o indivíduo tenha uma educação e venha a se tornar um cidadão atuante na sua comunidade, que desenvolver a leitura, interpretar o mundo em sua volta e o contexto que ele está inserido, desenvolver seu lado político sempre pelo viés da coletividade, para que através disso possa alcançar resultados satisfatórios para evidenciar sua identidade, desenvolver a consciência crítica e o exercício da prática social.

1.4 CONTEXTO NÃO FORMAL DE EDUCAÇÃO: GARANTIA DE DIREITOS E HUMANIZAÇÃO

A Educação não formal que conhecemos hoje, percorreu um longo e difícil caminho passando por vários processos de legitimação até chegar no formato de desenvolvimento da formação humana que inclui uma prática educativa, social e política.

A partir do final da década de 1960 surgem as primeiras discussões pedagógicas sobre o que é a educação não-formal, já que naquela época vários estudos estavam sendo feitos sobre a crise que estava acontecendo na educação, e como por consequência as críticas e apontamentos sobre a escola e seus métodos de ensino - aprendizagem, dando assim um espaço para se pensar novos modelos, conceitos e opiniões fortalecendo ainda mais o surgimento dessa nova perspectiva que é a educação não formal (TRILLA,1996).

Desde modo, foi entendido que a forma de educação que era ensinado pela escola na estrutura familiar já não dava mais conta das demandas formativas dos sujeitos sob a ótica de uma educação emancipatória. Os processos de aprendizagem acontecidos, tanto no seio das famílias como na escola, eram insuficientes para a realidade e vivências da atual sociedade e se fazia necessárias outras formas de amadurecimento e conhecimentos para as enormes lacunas educacionais que estavam expostas.

Em contrapartida, afirma Gohn (1999, p. 91) “até os anos 80, a educação não-formal foi um campo de menor importância no Brasil, tanto nas políticas públicas quanto entre educadores. Todas as atenções estiveram centradas na educação formal”.

Por muito tempo se pensou a educação não formal como o complemento da formal, mas com a mudança no cenário educacional é vislumbrada uma nova maneira de compreender a principal função da educação não formal. Essa visibilidade favoreceu para que suas ações fossem de alguma forma legitimada fora do contexto escolar tradicional, imprimindo, portanto, uma identidade à educação não-formal, como também outras maneiras para atingir o ato de educar, partindo da compreensão de que a educação é um ato político.

Com o surgimento do terceiro setor, o qual se inclui as ONG's, assumem um papel muito importante nesse processo de educação não formal, teve assim seu início com os

movimentos sociais via capacitação política dos seus membros. É válido mencionar Oliveira (2015, p. 182):

No final da década de 1990, foi promulgada a chamada Lei do Terceiro Setor, a qual criava a qualificação denominada Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público, as OSCIPs (BRASIL, 1999), cuja certificação dava às organizações da sociedade civil acesso a novos recursos por meio de um Termo de Parceria entre elas e o Poder Público para suas finalidades, assumindo obrigações de transparência administrativa. Desde então, o Terceiro Setor é tido como um tema de notória relevância no âmbito dos diversos segmentos da sociedade civil, da academia, como também do primeiro e segundo setores (OLIVEIRA; SOUZA, 2015, p. 182).

Este setor, especificamente, trata de realizar suas atividades no campo da área social, e são ministradas por organizações não governamentais sociais privadas, ou seja, elas fazem um trabalho filantrópico sem fins lucrativos. Muitos se mantem com a ajuda e colaboração da própria comunidade local, seus membros normalmente são pessoas que oferecem um trabalho voluntário. As ONG's são totalmente autônomas, tem total liberdade para tomar as suas decisões como preferir sem se reportar a outras esferas educacionais.

O campo de atuação das ONG's é inúmero, que pode ser de: capacitação, programas com adolescentes e jovens em situação de rua, combate as drogas, campanhas de educação sobre seus direitos e deveres, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, capacitação com os profissionais de educação da rede escolar.

Essas organizações têm outro tipo de visão sobre o que é educação, tem como compromisso suprir diversas demandas que o Estado não consegue atender, em especial as comunidades, de forma satisfatória.

Por fim, a educação que liberta se ancora no fazimento de uma educação em constante construção, dotada por princípios emancipatórios. Em contraste a educação que aprisiona se sustenta em velhas crenças de controle, poder e opressão.

No capítulo que segue, discutiremos sobre o curso de Pedagogia e a formação de professores com ênfase no papel do pedagogo, sobretudo na compreensão da dimensão formativa do curso e os processos educativos.

2 PEDAGOGIA, FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O PAPEL DO PEDAGOGO

É necessário observar todos os fatos, passos e avanços históricos que aconteceram no início do processo de institucionalização da Pedagogia, para compreender seus processos de consolidação.

A Pedagogia é entendida como uma ciência do ensino, que teve seu desenvolvimento a partir do século XIX; ela analisa e discorre por vários temas relacionados com a educação, tanto no sentido teórico quanto perspectiva prática. A Pedagogia foi pensada para aprimorar os processos de ensino e aprendizagem dos sujeitos, por uma reflexão, produção de conhecimento e crítica. A Pedagogia está em diálogo com aspectos que norteiam a sociedade com também as normas educacionais no país (LIBANEO, 2005).

O termo pedagogo, vem dos tempos mais remotos, com o surgimento na Grécia antiga que era conhecido como aquele que tinha a função de guiar as crianças até a escola e de ensiná-las, podemos definir a palavra pedagogo como: “peda” paidos, do grego = criança e “gogia” = estudo, logo esse ensino era destinados as crianças.

No contexto do Brasil, a pedagogia remete ao período imperial pois, até aquele momento na história a educação não era uma vista como uma prioridade, logo não havia um padrão específico ou uma metodologia pedagógica de ensino, então muitas ideias e formas de transmitir o conhecimento advinha das referências norte-americanas e europeias (ARANHA. 2006).

Desde o período imperial até hoje, a pedagogia passou por inúmeras mudanças, um dos pioneiros em pensar uma pedagogia progressista foi o nosso Patrono da Educação Paulo Freire, deixando o legado de vários livros, as indagações e o caminho trilhado numa base epistemológica em direção a uma nova perspectiva sobre a educação.

No que tange o processo de ensino e aprendizagem, o educador frisa a necessidade de considerar o contexto dos educandos. Seu legado é atual, seu método aplicado em vários países, valida um processo alfabetizador para os oprimidos e invisibilizados.

De acordo com Freire (1979 p.86) “A educação não transforma o mundo, a educação muda pessoas e as pessoas transformam o mundo”. Depreende-se que a educação é caracterizada como uma ciência que procura a humanização do sujeito para que a partir disso possa acontecer a emancipação e transformação na sua vivência para conduzi-los a uma condição reflexiva e crítica, ciente de seu papel atuante como cidadão, seus deveres e direitos na sociedade.

Tomamos a Pedagogia como a Ciência da Educação, sobretudo, porque a Pedagogia possui um amplo campo de análise e investigações, bem como a atuação do pedagogo. Partindo desse pressuposto, concluímos que, o Curso de Pedagogia se insere num nível de prestígio, frente ao amplo campo de atuação, seja em espaços formais ou não-formais, tais como: escolas, hospitais, ONGs, empresas, universidades, entre outros.

Sendo assim, fica a responsabilidade do pedagogo refazer, repensar, reconstruir a educação todos os dias, buscando meios para atingir um ensino-aprendizagem cada vez mais democrático e humanizado, para subsidiar através de suas opções teórico metodológicas oportunidades e meios da valorização dos processos educativos.

Na seção seguinte abordaremos os aspectos legais que respaldam a formação do pedagogo.

2.1 TRAÇOS E ENTRELAÇOS DA PEDAGOGIA: LEI QUE AMPARA A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO NOS ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO

Em 1939 nasce no Brasil o curso de Pedagogia na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade-USP de São Paulo, por meio do Decreto –Lei nº1190 de 04 de abril de 1939 que se deu durante o Governo de Getúlio Vargas, que tinha como objetivo formar professores para o ensino secundário na modalidade de bacharéis. Para Silva (1999):

O curso de Pedagogia foi instituído entre nós por ocasião da organização da Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil, através do Decreto-lei nº 1190 de 4 de abril de 1939. Visando a dupla função de formar bacharéis e licenciados para várias áreas inclusive para o setor pedagógico (SILVA, 1999, p.34).

Quem optava em ser pedagogo, se formava em bacharel, na modalidade 3+1 onde eles cursavam 3 anos de bacharel e quem optasse em lecionar teria de fazer mais 1 ano de Didática para assumir a sala de aula. Para exercer seu papel como professor, o pedagogo tinha a necessidade de ter licenciatura e também ter o bacharel, o que possibilitava um campo maior de atuação profissional, na função de bacharel ele poderia cumprir a função de: gestão, coordenação, supervisão, outra alternativa seria exercer a docência no ensino secundário da Escola Normal² (BRASIL, 1939).

As Escolas Normais surgiram a partir das províncias, no objetivo de criar seus próprios quadros de docentes para que pudessem formar o seu Ensino Primário, desde aquele momento aconteceram várias mudanças e transformações até o período da República nos anos

² A primeira Escola Normal Brasileira foi criada no ano de 1835, no Rio de Janeiro em Niterói pela Lei nº 10, de 1835, que tinha o objetivo formar professores para atuarem no magistério de ensino primário e era oferecido em cursos públicos de nível secundário (hoje Ensino Médio)

1940/50. Destaca-se que a Escola Normal possuía um currículo muito simples, os discentes contavam apenas com aulas que pudessem suprir as noções didáticas e de leitura, com uma formação do método Lancasteriano ou seja, apenas dominar as quatro operações de matemática e obter um conhecimento sobre os elementos da geografia, a linguagem e os princípios da moral cristã, sobretudo na lógica da Igreja (TANURI, 1969).

Esse método de ensino que foi adquirido pela Escola Normal, o Lancasteriano também era conhecido como ensino mútuo, ou seja, o aluno mais adiantado da turma teria que formar um grupo com outros 10 alunos para ensiná-los sob a supervisão de um inspetor direcionado pelo professor para fazer a fiscalização da turma, essa era uma das saídas para poder resolver a problemática da falta de professores nas turmas (ARANHA, 2006).

Após várias mudanças no contexto educacional pensando na qualificação de professores houve uma enorme conquista, a formação do magistério para o ensino superior com base na Lei 9896/94, em dezembro de 96 foi aprovada na LDB, que objetivava uma melhor formação e a função do pedagogo no mercado de trabalho no qual, evidenciou mudanças necessárias para ampliar os espaços no exercício docente. De acordo com Resolução CNE/CP nº 1/ 2006, no artigo 5º:

O egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto a: IV - trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo (BRASIL, 2006 p. 88).

Podemos concluir que a Pedagogia proporciona aos docentes não só técnicas, por isso supera a visão da formação de caráter eminentemente técnico. O pedagogo pode atuar em diversas áreas e espaços educativos seguindo ou não o sistema educacional formal, tais como: Gestão Escolar, a Educação infantil, os Anos iniciais do Ensino Fundamental, na Educação de Jovens, Adultos e Idoso (EJAI), educação hospitalar e outros ambientes não formais. Independente do campo em que esteja atuando o seu principal objetivo é na formação do sujeito na perspectiva da humanização e da teoria crítica.

Podemos citar um marco no setor educacional com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9394/96 de dezembro 1996, apresenta dimensões extremamente fundamentais para o fortalecimento da educação no país, e dialoga diretamente com a atual Constituição brasileira.

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

De acordo com o artigo 2º, entende-se que, é obrigação do Estado proporcionar a toda a sociedade uma educação de qualidade, através do objetivo fundamental para a formação do cidadão, conforme mencionamos no capítulo anterior. Assim, como o Estado a família também tem sua responsabilidade com o desenvolvimento da criança, a qual chamamos de educação informal que ocorre durante toda a sua vida. É papel da escola construir espaços educativos para contribuir e desenvolver uma prática social que visa o desenvolvimento humano.

A partir da lei 9394/96 foi institucionalizado competências e responsabilidades, e dando a oportunidades para pensar muito além da sala de aula atingindo outras esferas educacionais como: coordenar, avaliar e acompanhar projetos pedagógicos. Desde então, o curso passou por muitas transformações, foi inúmeras vezes criticado, ainda em constante adaptação, contudo o papel do pedagogo ainda é visto como um docente que ensina através de modelos formais de educação.

A partir do ano de 2006 foi homologado o parecer 03/2006 das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), para o curso de Pedagogia, imprimindo a tão sonhada autonomia e a possibilidade de atuar em espaços de educação não formais, numa perspectiva fora dos muros da escola. O parecer, tratado de início com muita aversão e discussão no meio educacional, permanece no campo das disputas e críticas.

A próxima seção se dedica a discutir o pedagogo no espaço não-formal.

2.2 O PEDAGOGO NO ESPAÇO NÃO FORMAL

Atualmente estamos vivenciando novas perspectivas da educação, que tem o intuito de ampliar métodos de ensino-aprendizagem. Abordamos no primeiro capítulo desse referido trabalho monográfico subtítulos onde explanamos sobre a educação formal, não formal e informal caracterizadas pelos seus limites, potencialidades e especificidades de cada uma delas.

Fazendo um recorte na perspectiva multifacetada da educação, o pedagogo se insere nesse cenário mostrando uma nova face da educação, na qual extrapola os muros da escola e vai muito além da hierarquia entre professor e aluno.

Diante das possibilidades de atuação do pedagogo, se faz necessária uma formação sólida e qualificada, como a formação continuada, que é o processo permanente e constante para aperfeiçoar seu conhecimento no fazer docente como valorizar ainda mais o profissional, o que assegura um ensino de excelência para os alunos em qualquer esfera, para assim,

acompanhar as transformações educacionais, sociais e culturais. Segundo Libâneo (2004, p. 227):

O termo formação continuada vem acompanhado de outro, a formação inicial. A formação inicial refere-se ao ensino de conhecimentos teóricos e práticos destinados à formação profissional, completados por estágios. A formação continuada é o prolongamento da formação inicial, visando o aperfeiçoamento profissional teórico e prático no próprio contexto de trabalho e o desenvolvimento de uma cultura geral mais ampla, para além do exercício profissional (LIBÂNEO, 2004, p.227).

É importante que o pedagogo compreenda que o seu processo de formação não está totalmente finalizado, só pelo fato de ter concluído a graduação, mas que para atingir o alvo de ser um bom profissional sempre será necessário o investimento pessoal e profissional. Por isso, o docente tem de inovar, buscar e transformar suas ações pedagógicas fazendo uso das diferentes ferramentas didático pedagógicas na organização do trabalho docente. Afim de proporcionar oportunidade aos alunos de se tornarem sujeitos crítico – reflexivos e criativos.

O Pedagogo que trabalha na perspectiva de educação não formal, deve estar atento constantemente e indagar a si próprio: Como estou vendo o outro? Quem é esse sujeito que estou acompanhando? As minhas práticas estão sendo compatíveis com a proposta da educação não formal, ou estou apenas reproduzindo velhas práticas? A educação humanizadora não modifica apenas a história do educando, mas transforma a vida do educador, sendo assim, Freire (1997, p. 25) pontua: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.”

A educação não formal visibiliza os sujeitos que foram esquecidos e silenciados por meio da escola. É dar voz a esses sujeitos de direito, passam a ter o seu lugar de fala e serem vistos. Dito isso, o diálogo que se estabelece entre as partes possibilita a compreensão da escuta sensível, melhorando as experiências de empatia e solidariedade, que estreita o crescimento do sujeito em suas relações subjetivas, democráticas e políticas, capacitando-o a compreender a sua participação nesse processo de inacabamento.

A dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos (FREIRE, 2007, p. 60).

Podemos considerar que a dialogicidade é categoria que atravessa todas as categorias freirianas, de extrema importância para uma total compreensão do sujeito imerso na sociedade, tornando-o livre de opressões.

Conclui-se então, que para o pedagogo não existe uma “receita pronta” para atuar nesse espaço, já que o mesmo produz infinitas possibilidades e problemáticas, logo, conhecer

a instituição que trabalha, pode ajudar a nortear melhor a escolha de práticas educativas com o objetivo de contemplar não só sua formação profissional, mas também seu crescimento humano e social.

A seguir, o capítulo três, trata do caminho metodológico da pesquisa, com detalhamento do tipo de pesquisa, procedimentos e opção analítica.

3 PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Nesse capítulo iremos abordar sobre as escolhas teórico metodológicas utilizadas para o presente estudo, dentre elas, a discussão relacionada aos paradigmas científicos e emergentes dialogando com a pesquisa aqui exposta. Posteriormente, iremos adentrar em outras questões norteadoras acerca da pesquisa: os tipos de pesquisa, as abordagens, os instrumentos da coleta de dados, os sujeitos entrevistados, o local da pesquisa que contribuíram de forma efetiva para o êxito do estudo.

A partir disso, trazemos Souza (2008) em seu livro “Um Discurso sobre as Ciências” analisamos bem de perto como surgiu e se organizou a Ciência desde o século XVI e como ela era vista e tratada, pragmática e cartesiana na qual durante séculos prevaleceu o domínio das ciências naturais.

Cabe destacar, que a Ciência não levava em conta a interface com o senso comum e os estudos humanísticos, ou seja, o que não era quantificável era cientificamente irrelevante, e qualquer Ciência para se tornar legítima teria que se adequar às regras metodológicas, tornando-se assim um sistema totalitário que nega a veracidade de qualquer forma de conhecimento que não esteja de acordo com o paradigma de Ciência em curso.

Com o passar do tempo outras inquietações foram se formando, no intuito de conhecer como as outras ciências, pudessem também ser reconhecidas e legitimadas como um conhecimento verdadeiro. Diante disso, a partir do século XIX outros paradigmas foram elaborados pela necessidade no campo das ciências sociais e pela decorrência da globalização e revolução da indústria, ou seja, o mundo começava a entrar em uma nova era científica. Após esse rompimento paradigmático, surge o paradigma emergente em que ao contrário do que foi muito questionado no século XVI, o senso comum passa a ser um conhecimento válido e enriquecedor no que tange as nossas relações com o mundo que nos cerca e o desenvolvimento da vida humana.

O paradigma emergente não segue um único método científico, ao contrário se apropria de uma pluralidade metodológica e entende que nenhum conhecimento é irrelevante ou isolado por mais peculiar que seja, e que o conhecimento pode ser desenvolvido em todos os sujeitos e em qualquer espaço.

Explicando o novo paradigma, Boaventura (2018) apresenta um conjunto de 4 teses que reforça a importância dessa ciência. 1º Todo o conhecimento científico-natural é científico-social, com as mudanças no âmbito das ciências, as humanidades se tornam tão importantes quanto as ciências específicas, 2º Todo conhecimento é local e total, todo o conhecimento que é criado em determinado local é total, ou seja é totalmente útil para as

peessoas envolvidas naquele contexto, além de recriar e dinamizar um novo tipo de conhecimento, 3º Todo conhecimento é autoconhecimento, como se processou as diferenças entre ciências naturais e ciências sociais, também houve um maturidade entre sujeito e objeto, desse modo, podemos alegar que todo o conhecimento, ou o ato de conhecer o objeto é um autoconhecimento, a partir das interações o cientista se constrói e reconstrói acerca dessas experiências. 4º Todo conhecimento científico visa se constituir a partir do senso comum, entendemos que nenhum conhecimento é inútil e sem importância, mas ele estimula a interação entre os mesmos, ou seja uma nova racionalidade e consciência humanística.

3.1 ABORDAGEM DA PESQUISA

O tema da pesquisa intitulada: **A Atuação do Pedagogo em Espaços de Educação Não Formal no Município de Amargosa**, dialoga muito com o paradigma emergente, pois ele valoriza e protagoniza as ciências humanas como um conhecimento válido. Para concretizar essa pesquisa foi necessário o material humano, ou seja, pessoas que se disponibilizam para narrar suas experiências profissionais no objetivo da construção de um novo olhar e conhecimento sobre a temática.

A pesquisa terá o caráter qualitativo, pois recobre um campo transdisciplinar envolvendo as ciências humanas e sociais e vem tentando interpretar os significados que as pessoas dão a elas, por isso o termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos e pesquisa. Chizzotti (2003)

Ainda, trata sobre a evolução a pesquisa qualitativa a partir de cinco marcos. O primeiro aborda os princípios da pesquisa qualitativa que estava associada ao romantismo e idealismo no final do século XIX reivindicando uma metodologia autônoma ou compreensiva para as ciências do mundo da vida, alguns estudos estavam querendo mostrar a vida das pessoas mais pobres e carentes do contexto rural e urbano. O segundo marco ocupa a primeira parte do século XX em que a pesquisa é impulsionada pelos estudos socioculturais e o surgimento da antropologia como ciência separada da história e de contrapartida se legitimando como novo campo de investigação científica. O terceiro marco demarcado entre a II guerra mundial até os anos 70, é o período em que a pesquisa qualitativa se consolida como um modelo de pesquisa, trazendo novos conceitos de subjetividade, apesar de grandes problemáticas e debates sobre como esse novo modelo de pesquisa ia ser apresentado, esse novo olhar acarretou novas áreas do conhecimento ainda inexploradas. No quarto marco, entre a década de 70/80, há uma ampliação do investimento público e privado no que se diz ao desenvolvimento de pesquisas, dos pesquisadores, centros e instituições com novas

orientações e paradigmas gerando métodos e técnicas de pesquisa em todas as áreas do conhecimento. No quinto e último marco, começa dos anos 90 em diante, foi demarcado pelo sistema concorrencial do capitalismo liberal, a globalização planetária do capitalismo e a ascensão dos programas políticos neoliberais, que é quando as pesquisas absorvem uma postura temática do pós-modernismo para objetar a racionalidade.

Fazendo o recorte de como é feita a abordagem da pesquisa qualitativa atualmente e corroborando com minha pesquisa, ela é capaz captar e analisar dados que nunca poderiam ser quantificados de forma numérica. Por exemplo a análise e observação de sentimentos, percepções, e comportamentos do sujeito entrevistado, logo os resultados deste tipo de pesquisa também não são demonstrados com recursos estatísticos e matemáticos, e sim apresentados através de relatórios que enfocam os pontos de vista dos entrevistados.

3.2 TIPO DE PESQUISA

Analisando as formas de pesquisas existentes no âmbito, científico, a que mais se adequa a proposta aqui desenhada é a pesquisa de campo, em que se faz necessário a ida a campo para coleta de dados e a realizações de experiências, para que posteriormente possam ser analisados e interpretados, com base em uma fundamentação teórica sólida, com o objetivo de compreender e explicar o problema que é objeto de estudo da pesquisa. A partir disso iniciamos a pesquisa a campo visando um estudo de caso de forma descritiva, esse estudo é na perspectiva do método qualitativo que consiste geralmente em uma forma de aprofundar uma unidade individual, através dos relatos das entrevistadas, por motivos da pandemia COVID19, a pesquisa de campo foi feita apenas para visita nos locais onde são realizados os projetos.

O estudo de caso contribui para analisarmos de forma mais clara os fenômenos individuais, os processos organizacionais e políticos que a sociedade está inserida. Corroborando com Yin (2001) o estudo de caso é uma forma de pesquisa que compreende um método que abrange tudo em abordagens específicas de coletas e análise de dados e através delas o entrevistado vai expressar sua opinião, posicionamento, inquietações sobre determinado assunto, utilizando suas próprias interpretações.

Para a coleta e análise dos dados é necessário que o entrevistador desenvolva estratégias no objetivo das respostas de tal problemática seja alcançada, com isso Martins (2008, p. 80) ressalta:

[...] a confiabilidade de um Estudo de Caso poderá ser garantida pela utilização de várias fontes de evidências, sendo que a significância dos achados terá mais

qualidade ainda se as técnicas forem distintas. A convergência de resultados advindos de fontes distintas oferece um excelente grau de confiabilidade ao estudo, muito além de pesquisas orientadas por outras estratégias. O processo de triangulação garantirá que descobertas em um Estudo de Caso serão convincentes e acuradas, possibilitando um estilo corroborativo de pesquisa (MARTINS, 2008, p. 80).

São essas estratégias e metodologias que consolidam o estudo de caso como estratégia de pesquisa válida. O estudo de caso corrobora nessa pesquisa porque objetiva a descoberta, será a forma mais adequada e prática para compreender melhor o que perpassa nas situações pesquisadas, os comportamentos e as interações das pessoas envolvidas com a problemática, mostrar a realidade de forma mais profunda possível. Esse estudo tenta representar os diferentes pontos de vista a partir do lugar de fala das colaboradoras e distintas perspectivas, fazendo com que o pesquisador procure entender esses diferentes contextos. Essas informações serão de muito valor, que independentemente das colaboradoras do estudo terem formação em Pedagogia e atuarem em espaços não-formais, espera-se que suas narrativas contribuam com a pesquisa.

3.3 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

O instrumento de coleta de dados escolhido para esse estudo foi a entrevista semiestruturada, partindo do princípio que para uma pesquisa qualitativa é necessário utilizar a coleta de dados a partir da entrevista para o levantamento de dados, informações e questionamentos, o que permite ter respostas mais completas e articuladas sobre o que está sendo perguntado, Vergara, (2009, p. 52) aponta:

A entrevista é um procedimento no qual você faz perguntas a alguém que, oralmente, lhe responde. A presença física de ambos é necessária no momento da entrevista [...] A entrevista pode ser informal, focalizada ou por pautas. Entrevista informal ou aberta é quase uma “conversa jogada fora”, mas tem um objetivo específico: coletar dados de que você necessita. Entrevista focalizada também é tão pouco estruturada quanto a informal, porém já aí você não pode deixar que seu entrevistado navegue pelas ondas de múltiplos mares; antes, apenas um assunto deve ser focalizado. Na entrevista por pauta, o entrevistador agenda vários pontos para serem explorados com o entrevistado. Tem maior profundidade (VERGARA, 2009, p.52).

Corroborando com Vergara (2009) optar em realizar uma entrevista por pauta, semiestruturada, utilizando um roteiro de perguntas abertas, proporcionando uma maior flexibilidade as pessoas entrevistadas em que elas vão ter mais conforto e liberdade para responder de forma tranquila e prazerosa essa conversa pode acontecer de forma planejada ou até de forma espontânea, com isso o entrevistador estabelece um norte para o objetivo da conversa.

Nesta mesma perspectiva os autores Triviños (1987) e Manzini (1990/1991) trazem seus pontos de vistas sobre o que é de uma entrevista semiestruturada. Para Triviños (1987, p. 146) uma entrevista semiestruturada possui questionamentos básicos que são apoiados em teorias que dialoguem ao tema da pesquisa. Como os questionamentos dessa pesquisa deve dar frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos respectivos entrevistados, o autor atesta que a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...] e destaca o papel do pesquisador no processo de coleta de informações” (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Para Manzini (1990/1991, p. 154), a entrevista semiestruturada está baseada em um assunto sobre o qual esta as perguntas feitas no roteiro, complementadas por outras situações inerentes às circunstâncias da própria entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista traz informações de forma mais livre e as respostas de forma mais informais.

A referida entrevista, no caso a semiestruturada, casa com a proposta de conhecer e compreender ainda mais como o profissional da educação, em especial o pedagogo, atua em espaços de educação não -formal.

3.4 SITUANDO O LÓCUS DE PESQUISA

A pesquisa será baseada em duas instituições no município de Amargosa – BA, a saber: o Ponto de Leitura que fica localizada na Urbis II e a Associação Beneficente Oásis que está situada no bairro Catiara.

O Ponto de Leitura é um projeto que é coordenado por uma pedagoga, na pessoa de Orquídea³ que tem a principal função de mostrar a leitura de forma prazerosa e lúdica. A instituição conta com crianças da comunidade de várias faixas etárias e realidades diferentes, muitas intervenções pedagógicas são feitas nesse espaço por outros professores, universitários e amigos da coordenadora.

Partindo para a Associação Beneficente Oásis, é um projeto social que está localizado na Rua da Alvorada, nº 120 bairros da Catiara, não possui vínculo direto com a Prefeitura Municipal de Amargosa, recebe auxílio de alguns comerciantes locais e outros parceiros. Trata-se de uma associação beneficente, criada com o intuito de atender crianças (7 a 12 anos), adolescentes (13 a 15 anos) e algumas mulheres, que se encontram em situação de vulnerabilidade social e econômica, residentes nas mediações do bairro Catiara. O projeto foi

³ Foi usado nomes fictícios para preservar a identidade das entrevistadas.

criando em 2014 e, tem como responsável Lucineide Alves Souza. Este projeto em Curitiba atua desde 2009, e em Amargosa desde 2014.

O pedagogo está cada vez mais cogitado em atuar em outros espaços além da sala de aula, o que faz esses profissionais da educação abordarem outras didáticas, metodologias e estratégias que possam garantir o entendimento a todos. Essas duas pedagogas serão colaboradoras da referida pesquisa, já que a atuação delas nesses espaços implica na forma do trabalho pedagógico feito por elas.

3.5 CONHECENDO AS COLABORADORAS DA PESQUISA

A entrevista foi elaborada de forma semiestruturada e aplicada com duas professoras formadas em Licenciatura em Pedagogia, a qual foi dado nomes fictícios para preservar as suas identidades, desse modo chamaremos de Orquídea e Lótus.

A primeira entrevistada Orquídea é gestora do Ponto de Leitura, é egressa da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) no Centro de Formação de Professores (CFP) que fundou o projeto O Ponto de Leitura, que fica localizado no Bairro da Urbis II.

A segunda entrevistada Lotus é ex Gestora Pedagógica do Centro de Convivência Oasis, que está localizado no bairro Catiara, na cidade de Amargosa-Bahia.

A intenção de realizar a pesquisa com as duas entrevistadas, foi de entender como é o fazer docente sobretudo pela visão do pedagogo, usando a análise por contraste nos dois espaços de educação não- formal.

3.6 ANÁLISE DE DADOS

Tratamento da análise e recolha dos dados é etapa principal de qualquer estudo empírico e qualitativo, o qual é tão importante quanto a definição prévia da metodologia e do tipo de pesquisa. Partindo desse conceito, a análise de dados é a atividade que transforma um conjunto de dados coletados em uma nova construção de conhecimentos ou um novo olhar diferente da realidade. Por isso analisar os dados e identificá-los para o tratamento e devidas observações é importante para qualquer tipo de investigação. Contudo, com os dados resultantes da entrevista semiestruturada, pretende-se analisar a partir do viés da análise de conteúdo que entende que toda pesquisa qualitativa tem sua importância no âmbito da ciência, compreender e comparar os dados para observar semelhanças e diferenças quanto ao trabalho desempenhado pelas entrevistadas. Essa delicada coleta de dados foi de suma importância para o enriquecimento da pesquisa.

Lakatos e Marconi (2007), apoiam que a coleta de dados é uma etapa em que se inicia a aplicação dos instrumentos elaborados e das suas técnicas, e esse processo de coleta e análise de dados requer muita a atenção e sensibilidade do entrevistador no momento da escrita, pois é com aquelas perguntas e repostas que ele vai conseguir identificar se os objetivos gerais e específicos sobre a pesquisa foram alcançados, ou se irá precisar pensar outras formas de conseguir o seu objetivo.

De fato, após essa cuidadosa observação de dados, esperamos que algumas perguntas e inquietações sobre a ação do pedagogo nesses espaços sejam esclarecidas, que mais pesquisas sobre a mesma temática surjam para que conhecimentos e problemáticas novas se façam a partir da referida pesquisa e de outras já realizadas.

4 AMARGOSA, CIDADE JARDIM, QUE COLHE AS FLORES E VOOS DA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

Neste capítulo será abordado a análise de dados do estudo, mas para isso constituirá anteriormente uma descrição detalhada do local da pesquisa. A referida pesquisa, tem como lócus a cidade de Amargosa - Bahia, portanto traremos nessa descrição elementos sociais, políticos, culturais, educacionais, geográficos, econômicos e históricos da cidade.

4.1 O VÔO DAS AMARGOSAS...

Os primeiros povos a habitar a região foram os índios Sapuyás que posteriormente foram chamando de Kariris, que teriam originalmente vivido na aldeia de Pedra Branca. A colonização se iniciou por volta de 1700, quando a Coroa demarcou esse aldeamento, mas foi em 1758 que a aldeia passou a ser a Vila de Nossa senhora de Nazaré de Pedra Branca por meio do Diretório Pombalino, que posteriormente em 1850 recebeu assim a atribuição de município tendo como sede a Vila da Nossa Senhora de Tapera, que era constituído de um núcleo político e econômico mais importante naquele momento (Rezende, 2019, p 10)

Rezende (2019, p.10 *apud* CERQUEIRA, 1938) afirma que o processo colonizador vai culminar na criação do município de Amargosa que aconteceu no início do século XIX, com a família de Gonçalo Correia Caldas, dona das primeiras roças e construíram uma casa onde atualmente é a Santa Casa de Misericórdia, a partir disso outras ruas foram surgindo, a exemplo da Rua da Lama (Rua Deraldo Bulhões) e na rua nova onde se estabeleceram Cazuza e Joaquim Correia. Depois dessa família outros moradores foram ocupando novas áreas, a exemplo Bernardo Coxo que ocupou onde é atualmente a Baixa do Sapo (Rua Eliene Passos) e Francisco Ramos na Boa Vista, e Francisco Moreira, Manoel José Periquito em regiões de Baixa de Areia um perímetro fora da zona urbana.

No decorrer da criação do município de Amargosa, aconteceram vários momentos históricos entre eles os índios da Pedra Branca que tentaram resistir a todo esse processo de colonização acontecendo vários confrontos com a Família Gonçalo que quase exterminou a cultura indígena na região culminando na transferência dos últimos 119 aldeados no ano de 1884 para Fazenda Santa Rosa, em Jequié.

Resende (2019) data ainda a seca de 1844 que foi outro fator de importância nesse processo, quando centenas de pessoas migraram para a região de Amargosa dada e sua fartura em água formando assim um povoado. A partir disso surgiram as primeiras culturas da localidade, as lavouras de café, cana, mandioca e fumo e como grande crescimento da agricultura o povoado passou a ser um ponto de troca comercial na qual grande parte era

exportada para a Europa. Com a prosperidade rápida das fazendas de café que por muitos anos deixou a cidade conhecida como a “Pequena São Paulo” e fumo principalmente com a exploração da escravidão dos negros recém chegados, a economia possibilitou que no dia 19 de junho de 1891 que a Vila de Nossa Senhora do Bom Conselho de Amargosa, fosse elevada à categoria de cidade e ser chamada apenas de Amargosa, a qual se deu por existir pombas que possuíam uma carne amarga que fazia parte da fauna local e que atrai os caçadores da região através do convite “ vamos as amargosas” (REZENDE, 2019, p.11).

A cidade de Amargosa está localizada no Vale do Jiquiriçá, no Centro-sul Baiano que fazem divisa com: Santa Terezinha, Elísio Medrado, São Miguel das Matas, Laje, Ubaíra, Brejões, e Milagres, segundo o IBGE de 2019 a nova configuração territorial do município é de 431,6 Km². Ainda por ser uma cidade Rural Amargosa possuem atividades econômicas no âmbito urbano e rural principalmente a agricultura por meio da feira livre em que muitas famílias vendem seus produtos como :frutas, verduras, hortaliças fazendo girar a rotatividade de capital, e a pecuária que tem muita força a traves dos mercados de carnes, sendo a queridinha a carne de sol que tem seu prestígio entre os turistas sendo até estudo de monografia de Discentes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Figura 01 - Praça Lourival Monte



Fonte: O autor (2021)

Para além dessas atividades econômicas Amargosa tem uma diversificada forma de renda com a comercialização dos produtos da agropecuária, produção extrativista na retirada de recursos naturais da fauna, flora e minérios, as atividades industriais por meios de fabricas de moveis, calçados o frigorifico e outras indústrias de menor porte como alambiques e casa

de farinha que ainda tem um caráter artesanal, mas determinantes na geração de renda e emprego. O comércio e serviços tem sua grande participação na renda da cidade, atualmente existem 3.301 empresas ativas contando com diversas redes de comercialização de produtos de abrangência estadual (Resende, 2019, p 55)

Figura 02 – Comércio Local



Fonte: O autor (2021).

A cidade de Amargosa, segundo o site da prefeitura é um dos destinos mais procurados pelos turistas para a festa de São João na Bahia, isso se dá pela cidade ser uma das preferidas por causa do clima acolhedor, das ornamentações típicas dos festejos juninos e as atrações que são estimadas pelo povo. Rezende (2019, p.139) aborda como surgiu as comissões anuais para a organização do São João desde 1990 na gestão de Francisco Juventino de Souza que permitiram uma nova dimensão para a festa até o momento atual, sendo considerado um dos melhores festejos juninos da Bahia incrementando a economia local e sendo o maior produtor turístico do município. Ressaltando também a existência de festas privadas como o Forró do Piu-Piu e do bloco popular tradicional, o Arrasta Pé Zona Rural fundado pelo Artista e filho da terra Peu Meurray.

Figura 03 - Praça do Bosque (local onde é realizado os Festejos Juninos)



Fonte: O autor (2021).

Outra festa popular é o Carnaval em que Amargosa se prepara para receber os turistas, diferente de outras cidades, a Cidade Jardim⁴ sempre traz uma proposta de um carnaval mais tradicional com shows de bandas de marchinhas, concurso de Rei e Rainha do Carnaval e blocos carnavalescos de iniciativa dos Bairros da Cidade, ou seja uma festa pensada para contemplar todas as classes sociais.

Além dos festejos Amargosa Rezende 2019, mostra o fluxo de transformações econômicas, políticas e socioculturais em fins do século XIX e início do século XX no qual foram sendo criados espaços alternativos para a diversidade cultural. Desse modo, ele destaca a construção do Cinema e Teatro e as Filarmônicas, Liras e Grêmios Recreativos. Esses espaços foram construídos compondo o cenário na parte urbana da cidade, especificamente no centro. A inauguração dos prédios da Lyra e da Filarmônica em 1095, sendo a Lyra Carlos Gomes inaugurada em 1932, já a filarmônica em 1945, enquanto o Cinema “Theatro Variedades”, inaugurado no ano de 1893, um moderno prédio que demonstrava sinais de riqueza e possuía capacidade para 300 pessoas, para além de sessões de filmes, ele contava com: apresentações teatrais, show, bailes e uma rádio local cujo sistema de alto-falantes ficava espalhado pelo centro da cidade.

⁴ Amargosa também é conhecida como “Cidade Jardim” devido aos belos jardins, que podem ser vistos nas praças Lourival Montes, Iracy Silva e Yolanda Pires.

Pensando em uma perspectiva maior e na esfera da cultura e o lazer, outras práticas também mereceram atenção do poder público, as práticas desportivas, com a construção do estádio municipal que seria um dos maiores do norte do país, desta forma o futebol passou a ser visto como um importante meio de socialização (REZENDE, 2019, p.139).

Sobre os registros educacionais Rezende (2019, p.140) aborda que até meados da década de 1940, no município de Amargosa só existiam escolas primárias, assim as famílias que desejavam oferecer mais estudos aos filhos tinham que enviá-los para outros lugares como a cidade de Nazaré das Farinhas ou Salvador. Com a criação da Diocese de Amargosa em 1942 e o empenho de Dom Florêncio Sisínio Vieira e o apoio da população de alto e médio poder aquisitivo surgiram os primeiros ginásios na cidade. Em 1994 teve início o Seminário Diocesano o qual era oferecidos cursos para meninos que desejavam ser padres, a criação desse seminário possibilitou além da formação de futuros clérigos, um espaço privilegiado para a escolarização masculina na região em meados do século XX.

Após dois anos de já estabelecido o Seminário Diocesano, no ano de 1946 Dom Florêncio com apoio de fazendeiros, políticos, comerciantes, instituíram a Escola Santa Bernadete para atender a formação religiosa da mocidade feminina, chegando ter 80 meninas internas e 200 alunas no total, sob a direção da congregação das Religiosas Sacramentinas. Ainda ressalta Rezende:

A Criação desse estabelecimento particular de ensino atendeu a uma parcela da população que tinha o maior poder aquisitivo. O processo de formação educacional ali desenvolvido coincidia com os anseios de parte da sociedade amargosense, no tocante às funções sociais destinadas ao gênero feminino (REZENDE, 2019, p.140).

O Progresso educacional continuou de forma progressiva em Amargosa, no ano de 1953 teve o início do curso pedagógico que durou até o ano de 1973 quando as Irmãs Sacramentinas encerraram as suas atividades educacionais em cidade, ajudando de forma profissional um total de 445 jovens oriundas de 51 municípios da Bahia se formaram em professoras primárias. Em 1974 a Secretaria de Educação da Bahia comprou um prédio e deu início as atividades de uma escola pública oferecendo os cursos primários e ginásio, com o nome de Escola Estadual de 1º Grau Antônio Carlos Magalhães, que após várias mudanças no seu nome, atualmente é conhecido como Colégio Estadual Santa Bernadete o qual oferece ensino na modalidade de curso médio e na modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Outro grande marco no âmbito educacional na Cidade de Amargosa foi em 2006 com o estabelecimento do Centro de Formação de Professores (CFP) que oferecem na graduação, nove cursos de licenciaturas: Pedagogia, Matemática, Química, Educação Física, Filosofia, Letras/Libras, Física, Educação do Campo e Tecnólogo em Agroecologia (PRONERA) e

cursos de Pós-graduação (Especialização e Mestrado). O CFP é um dos campus da UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia) que foi fruto da modalidade popular e tem como proposta o processo de expansão e interiorização do ensino superior, permitindo grande possibilidade de inclusão social e desenvolvimento do interior da Bahia, nas regiões do Recôncavo da Bahia, vale do Jiquiriça e Portal do Sertão.

Na seção seguinte, iniciamos o diálogo com as colaboradoras da pesquisa e refletir sobre o fazer docente.

4.2 REFLETINDO SOBRE O FAZER DOCENTE ATRAVÉS DAS NARRATIVAS DAS COLABORADORAS DA PESQUISA

Para a realização desta pesquisa houve a colaboração de duas profissionais formadas no curso de Pedagogia e que exercem sua função no campo da educação não-formal, em projetos sociais que ajudam muitas crianças e famílias em bairros carentes na cidade de Amargosa, todos os questionamentos foram baseados a partir da problemática da atuação do Pedagogo nesses espaços de educação, desdobrando-se no objetivo da pesquisa de compreender o papel desses profissionais na perspectiva da educação não-formal. Desta forma o quadro a seguir mostra o perfil das colaboradoras:

Quadro 01 - Perfil dos colaboradores

Colaborador	Idade	Sexo	Formação	Atuação	Tempo de Atuação
Orquídea	61 anos	Feminino	Pedagogia CFP/UFRB	Servidora Pública	Aproximadamente 20 anos
Lotus	38 anos	Feminino	Pedagogia Face	Professora da rede municipal	6 anos

Fonte: Arquivo da Pesquisa (2021).

O quadro nº 1 mostra profissionais formadas em Licenciatura no Curso de Pedagogia com faixa etária de 61 a 38 anos, ambas entrevistadas são do sexo feminino. Orquídea concluiu a graduação no Centro de Formação de Professores (CFP/UFRB) e tem a experiência de aproximadamente 20 anos na educação não formal. A entrevistada Lotus, se formou na Faculdade de Ciências Educacionais (FACE), hoje atua como professora da rede municipal de ensino, mas até a referida pesquisa atuava na educação não-formal a qual se dedicou por 6 anos.

As duas profissionais, responderam nove questões relacionadas à experiência com a educação não-formal. Quando as colaboradoras foram questionadas sobre sua trajetória de vida e profissional, assim responderam:

Pronto, eu se eu for contar um pouco da minha história, eu vou falar um pouco sobre o que levou, a esse ponto de leitura eu tive uma infância tranquila né, não gostava muito de estudar e resumindo aos quase 50 anos retornei aos estudos uma situação me levou a retornar os estudos né [...] aí o que foi que me aconteceu e eu senti muita dificuldade né, de estar acompanhando de estar no contexto da Universidade, era tudo novo e nisso eu fui me inteirando na leitura é de Paulo Freire né, que eu me encontrei bem assim na leitura dele me vi né assim num contexto que ele contava as coisas e a partir daí eu fui me interessando [...] na biblioteca, ficava triste de não ter nenhum projeto, nada que trouxesse a leitura de mais próximo do aluno, tinha os alunos tinha livros nas estantes mas, não tinha projeto como eu acredito que até hoje não tem e eu comecei a convidar aqueles meninos né, que ficavam esperando os transportes pra zona rural, e nisso eu vi a oportunidade aqueles jovens sentados alguns no celular, alguns conversando e eu comecei um projeto, que era um convite a leitura, que eu convidava esse estudantes que entravam lá, lá tinha uma salinha, e aí muitas vezes eu convidava para salinha para gente ler um poema, uma poesia, um texto um livro pequenos da Literatura Infantil, que pudesse ser lido naquele período que eles tivessem lá (ORQUÍDEA, 2021).

Durante a vida de Orquídea ela não teve muitas oportunidades de ter uma relação mais próxima com o hábito de ler, com o passar do tempo percebeu uma necessidade de melhorar ainda mais seus hábitos de leitura e escrita, isso se tornou mais evidente quando adentrou na universidade, pela demanda de leitura que requerer a academia, e encantada pelas obras de Paulo Freire passou ajudar outros, principalmente no desenvolvimento e paixão pelos livros, ela ainda continua:

No final de 2015, eu comecei fazer um trabalho nas Comunidades Rurais, que era o Semeando Leitura, onde eu até fiquei empolgada que eu achei que a leitura pode ser que, pode criar o gosto pela leitura a leitura, quanto mais é aproximada do aluno, de uma maneira mais livre né menos imposta tem essa de não impor um livro, mas aproximar o livro e mostrar como é gostoso ler é e aí fui fazendo, esse trabalho com os meninos das Comunidades Rurais, só que eu não queria uma coisa de vez, em quando eu queria uma coisa né tipo fixo, e foi aí que surgiu o ponto de leitura[...]e aí eu comecei ir aí não tinha terminado o curso de pedagogia, ainda né eu comecei a correr atrás desses passos e na época que surgiu a Urbis II, muitas pessoas me criticavam achava que era loucura, eu sair aqui da cidade para ir para aquele lugar que era um lugar assim né muito distantes, que as crianças lá não iam frequentar o espaço que isso não ia dar certo, que eu ia ser lá e aprender meu tempo, e aí eu fiquei foi ficando quieta.(ORQUÍDEA, 2021).

A partir desse momento começamos a entender as intenções e posicionamento político da entrevistada em fazer com que o seu sonho de ajudar outras pessoas a se tornar um leitor competente através de um Programa, com sede fixa e que conseguisse ajudar as crianças, em especial, as que moravam no Bairro da URBIS II, a terem acesso à leitura, de forma prazerosa e que de fato o que elas estivessem lendo fizesse sentido para elas, sobre os primeiros passos do projeto Orquídea fala:

Janeiro 2016, e aí aluguei a casa com meu dinheiro, e o povo, você é maluca alugar essa casa, e aí eu fiz logo uma lista pedindo coisas né [...] a proposta inicial era uma biblioteca comunitária, eu queria ter um espaço na comunidade onde as crianças pudessem ter acesso ao livros e literaturas, porque a gente vê a classe mais popular não tem essa facilidade de livros né, então eu queria compor uma acervo infanto juvenil, que as crianças pudessem ir lá não só crianças, mas também todas as pessoas da comunidade que quisessem ir lá e pudesse ter acesso a esses livros, e aí não precisou eu ir na casa das crianças chamar as crianças, já foram vindo e nisso depois foi surgindo outras ideias né [...] e com isso foi surgindo outras ideias não só de ter o espaço para leitura, mas também convidar outras pessoas porque meu objetivo era trazer as pessoas para comunidade, como eu percebi que a comunidade era muito discriminada [...] eu particularmente tinha um certo preconceito do bairro né, porque as pessoas falavam que que lá só tinham que não tinha uma conduta boa, então eu me desafiei eu queria falar assim ah porque tu não fica no centro da cidade é melhor para você, você não precisa pagar transporte é mais cômodo mas eu não queria isso queria ir para um lugar onde as pessoas onde as pessoas vamos supor não queria ir, eu queria algo desafiador né que pudesse tá mesmo acrescentando a comunidade (ORQUÍDEA, 2021).

A entrevistada narra como foi difícil o processo de início do projeto sem ajuda de ninguém, tendo de tirar do seu próprio bolso para custear o projeto nos primeiros meses, o que é uma pratica comum nesse tipo de serviço social em que seus idealizadores não tem nenhum apoio, muitas vezes foi discriminada por escolher uma comunidade carente para ser base do Ponto de Leitura, mesmo com tantas adversidades principalmente a distância, pois o projeto fica em uma parte longe da cidade, Orquídea expressa que não se deixou abater até porque umas das ideias dela, era mostrar que ali moram pessoas de bem, que querem ser vistas e visibilizadas por isso, pessoas diferentes sempre eram convidadas a visitar e dar suas contribuições financeiramente ou por meio de oficinas ela nos conta:

O projeto busca agregar valor na vida das crianças né, a partir dessas atividades as pessoas que vão lá né, por exemplo não é necessariamente estudante pode dona de casa eu como Educadora Freiriana como me considero eu acredito que todo mundo tem capacidade de ensinar algo né, se você não é capaz de aprender algo com a criança fica impossível você ensinar então é aquela troca de experiência e dessa interação [...] assim que é um sonho que eu tinha que eu não queria que as crianças passassem pelo que eu passei eu quero por exemplo assim a intenção do projeto não é só a questão educativa, é também levar para as crianças a questão mesmo da formação integral, do sujeito não na questão religiosa nem política partidária, mas na questão do ser, um ser que vai viver em uma sociedade de desafios né. (ORQUÍDEA,2021).

Essas afirmações corroboram com os pensamentos de Freire (2017), evidenciado anteriormente, “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”, ou seja, o processo de ensino-aprendizagem é de mão dupla, todos os sujeitos nesse processo adquirem conhecimento, para Orquídea ver esse projeto sendo realizado foi como um sonho, ver as crianças receberem um acompanhamento educacional para além dos muros da escola, mas uma proposta de educação que ajudassem a serem sujeitos atuantes na sociedade, nas palavras da colaboradora.

Nossa entrevistada como já se declarou totalmente freiriana, e analisando seu relato, descrevendo todo o seu passo a passo até a consolidação do seu projeto, nos faz pensar muitos nas obras e pensamentos de Freire (2007) quando diz que “não existe uma educação que seja politicamente neutra”, ou seja em uma sociedade tão desigual é impossível que exista uma educação única que sirva todos os grupos sociais.

A lógica da educação que emancipa movimenta os espaços educativos a favor daqueles que tem sua parcela de escolarização de qualidade negada, por isso alguém num processo de contato com a leitura da palavra e a leitura de mundo, obviamente terá vantagens sobre os despossuídos de acesso aos métodos de transformação e revolução das vidas.

Nesse olhar notamos que a educação pode ser operada sob duas vertentes: a educação transformadora que visa a emancipação do sujeito fazendo com que ele seja protagonista de suas próprias escolhas a partir de uma consciência crítica, que é a abordagem que Orquídea exerce no Ponto de Leitura, e a educação conservadora que tem como objetivo a domesticação, formando pessoas para ser escravas mentais, alienadas e massa de manobra.

Lótus, a segunda entrevistada, começa falando da trajetória de vida do seguinte modo:

Eu fiz o curso de pedagogia na FACE Faculdade de Ciências educacionais aqui em Amargosa a graduação né, depois fiz minha pós na FACE também Psicopedagogia Clínica Institucional [...] a minha trajetória no Oásis começou com desejo de fazer um trabalho voluntário, como eu te falei eu fui convidada a sobre a coordenação e começamos com trabalho voluntário, porque eu tinha vontade de fazer algum trabalho nesse sentido, uma área de vulnerabilidade aí depois surgiu a oportunidade de ser transferida para lá pelo município para trabalhar lá que foi assim o útil ao agradável [...] e é isso aí estou na Oasis até hoje pelo Município acredito que se um dia ia sair o município me transferir novamente para rede eu vou continuar no Oásis como voluntária (LÓTUS, 2021).

Nota-se que a entrevistada Lótus, após a graduação em Pedagogia deu continuidade a sua formação, sempre com um anseio as causas sociais, uma satisfação por ajudar o outro, prova disso é que a priori começou a trabalhar como voluntária no projeto Oásis, que também fica localizado em um Bairro que é estigmatizado por ser violento: favela e outros nomes pejorativos, e mesmo assim ela diz que independente da sua situação de estar trabalhando no município ou não, sempre estará à disposição a contribuir com a educação não-formal.

Assim falando da própria epistemologia que a pedagogia tem que assumir a partir das falas de Lótus, Franco (2008, p.73) aponta para o seguinte fato:

[...] A pedagogia, para poder dar conta de seu papel social, deverá definir-se e exercer como uma ciência própria, que liberta dos grilhões de uma ciência clássica e da submissão às diretrizes epistemológicas de suas ciências auxiliares, a fim de que possa se assumir como uma ciência que não apenas pensa e teoriza as questões educativas, mas que organiza as ações estruturais, que produzem novas condições de exercício pedagógico,

compatíveis com a expectativa de emancipação da sociedade (FRANCO, 2008, p.73).

Dessa maneira, é possível entender a partir das concepções de Franco (2008) que a pedagogia como ciência da educação, tem a especificidade de tratar cada processo educativo de forma particular sob a ótica do que é pedagógico, diferente de outras de outras ciências da educação que através dos pressupostos já definidos pelos seus campos disciplinar e se ausentam do viés dialógico entre a ciência e a vida. O curso de Pedagogia, no nosso entendimento, deve adotar uma postura de proceder uma análise contextualizada e crítica sobre a educação, e do seu ensino via práxis educativa, formando assim o pedagogo para uma atuação teórica-científica, para ser um agente no exercício das práxis pedagógica.

Sendo perguntada sobre seu tempo na Educação não Formal, Orquídea nos relata da seguinte maneira:

Na verdade eu sempre gostei de trabalho social, porque esse Ponto de Leitura é um trabalho social, ele é um trabalho onde eu faço fora do meu trabalho formal [...] o projeto tem 4 anos mas eu sempre gostei de trabalho social, eu já trabalhei com alfabetização de idosos, na época eu lembro que um tempo atrás eu dava aula de ponto de cruz também nessa questão social também nunca trabalhei recebendo eu sempre gostei de compartilhar aquilo que eu sei, assim né com alguém eu tenho uns oito nove anos mais ou menos (ORQUÍDEA, 2021).

Lotus descreve o seu tempo na educação não formal assim: “O único período que eu trabalhei com educação não formal foi no Oásis então está fazendo 6 anos” (LÓTUS, 2021)

Em se tratando de uma cronologia já trabalhada na educação não-formal, percebemos Orquídea até antes de entender sobre esse tipo de educação sempre teve a iniciativa de ensinar o que sabia a outras pessoas, do trabalho artesanal de ponto-cruz⁵ até mesmo com o processo de alfabetizar idosos. Atualmente conhecemos como EJAI uma modalidade de ensino voltada para aquelas pessoas que tiveram seus direitos negados principalmente o da educação, que por meio da ausência de políticas públicas esses sujeitos não tiveram a possibilidade de um acesso educacional. A alfabetização de adultos e idosos foi bastante discutida na teórica de Freire (2006, p.18) diz: “O aprendizado da leitura e da escrita não pode ser feito como algo paralelo ou quase paralelo à realidade concreta dos alfabetizandos.” Ou seja, alfabetizar a partir da realidade dos educandos, no contexto Freiriano são coisas inseparáveis, por isso o profissional de educação em especial o pedagogo deve formar cidadãos que criticam a realidade, ciente dos seus direitos, politizados em suas práticas diárias. Em que pese a experiência com EJAI, Orquídea conta que toda essa vontade de ajudar se transformou no seu Projeto Ponto de Leitura que hoje atende várias crianças e famílias carentes.

⁵ Ponto-cruz ou ponto de cruz é uma forma popular de bordado em fios contados na qual os pontos têm formato de “X”.

Lótus anteriormente fazia parte da rede municipal de ensino, tem mais de 6 anos que faz parte do Projeto Oásis na perspectiva de educação não-formal, empenhando-se e, transmitir o seu conhecimento como também aprendendo com os demais. Conforme Gohn (2006, p.29-30):

A educação não-formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. Um modo de educar surge como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades que dele participa (GOHN, 2006, p. 29-30).

A educação não - formal que se realiza nos dois espaços em análise, além de uma felicidade para as crianças que o visitam é uma satisfação para as nossas duas entrevistadas, o ato de propagar ao máximo um conhecimento que seja útil e relevante através da escrita, da leitura, de oficinas, propiciando um ambiente que aflorem sua criatividade e imaginação, é um ato político.

Passando pelas primeiras informações das participantes sobre sua história de como surgiu a vontade de ingressar na educação não formal, Orquídea primeiramente nos falou sobre o que lhe satisfaz e lhe deixa feliz em fazer esse serviço social, ela explica:

O que me satisfaz, o que assim me deixa super feliz e emocionada é ver o crescimento das crianças é ver aquela criança de 3 anos como Alice. Alice é uma criança interativa, Alice é uma criança participativa, claro que ela não sabe nem ler nem escrever, mas se eu falar Alice a gente vai fazer uma contação de história, vamos fazer? ela pega o livro, escolhe o livro [...] que algumas mães falam Pró eu posso mandar Letícia para o Ponto de Leitura, com uma aconteceu aonde mês passado que Letícia é muito quieta a Letícia não se comunica, envergonhada, é muito tímida e Letícia hoje tá participando a gente faz atividade quem quer apresentar Letícia apresenta então tem um caso de Letícia que Alice de Luís Felipe de várias crianças que a partir do ponto de leitura, eles começaram a se predispor apresentar a falar, a questionar, a dar opiniões, porque os espaços não formal é isso é como fosse assim dá oportunidade a criança a se expressar e muitas vezes na escola ele não tem essa oportunidade, é claro que a escola não vai não vai tirar a mérito dela é na escola que a criança aprende a ler a escrever mas Alice quando ela for para escola ela não vai ter dificuldade (ORQUÍDEA, 2021).

Essa linda narrativa, deixa clara a função e a necessidade dos espaços de educação não- formal, e como o ensino formal dado pelas escolas são limitados e não tem a capacidade de poder satisfazer os sujeitos em todas as suas dimensões, sobretudo para uma proposta de vida humanizada, o que nos lembra os pensamentos de (GONH, 2006, p.2-3) em que a todos ensinamentos não formais é onde se “aprende no mundo da vida” nos processos de experiências e em lugares e espaços que permitem ações coletivas cotidianas. Orquídea ainda continua:

[...] eu aposto que aquela criança é capaz é isso que eu digo para eles vocês são capazes de entrar na universidade e os sonhos que eles, têm Alice disse que vai ser Doutora, como Luís Felipe disse que vai ser promotor de justiça, como o outro disse que vai ser pedagogos, então talvez aqueles que têm cinco sonhos talvez não consiga alcançar nenhum deles, mas eu no meu papel social de Educadora social eu tenho que acreditar naquela criança eu tenho que apostar todas as fichas naquela criança que ela vai ser e tenho que mostrar os caminhos através da educação através do estudo da dedicação da leitura (ORQUÍDEA,2021).

O papel de um professor-educador em especial o pedagogo que atua na educação não-formal, vai muito além do processo de ensino- aprendizagem, a entrevistada compreende e está bastante ciente do valor e peso que suas ações possuem na vida daquelas crianças, e como os caminhos que são apontados podem ser indicativos de um sucesso, na vida profissional quando na visão humanística como cidadão crítico- reflexivo, o que casa com as ideias de Freire, no seu livro Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa (2015) nos fala :“ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (2015, p.24). a educação tem o poder de tornar uma pessoa protagonista da sua própria história, transformar uma sociedade mais humana, solidária e ética e possibilita a construção de outros conhecimentos, sobretudo a liberdade de escolher ser o que ela quiser. Lótus corrobora ao afirmar que:

Eu acho que existe um grande diferencial, porque o currículo é outro, a forma de trabalhar também, porque a gente não tem essa questão de qualificar, de dar nota, eu acho que eu trabalho mais leve, do que dentro da instituição escolar, eu acho, até os educadores a gente vê que trabalha eles não se cobram tanto por conta disso, na escola a gente precisa ver resultados mais imediatos digamos assim ,e no espaço de um projeto social ou a gente ver o resultado sem a questão da nota da prova da avaliação né digamos assim.(LÓTUS, 2021).

As informações citadas pela entrevistada, realça as diferenças da proposta da educação formal e não- formal, como as regras impostas pela escola causa um certo desconforto para o professor e em consequência para o aluno, esse pensamento corrobora com Brandão (1988, p. 9) que nos diz “não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é seu único praticante [...]”.

Comprovamos através da pesquisa que os espaços não-formais possuem uma característica diversa das propostas da escola, em vista de que a educação não existe apenas dentro dos seus muros escolares, e nem seu currículo consegue contemplar a todos em vista a complexidade do ser humano.

A escola tem um papel muito importante como instituição de ensino, sem sombra de dúvidas, institucionalizada pelo Estado e órgãos regulamentadores, é o local onde acontece os primeiros contatos da criança com a regras de convívio social. A escola é campo de disputa,

sobretudo nas relações de poder. E não podemos abrir mão da luta por uma escola sustentável, humanizadora e acolhedora dos filhos da classe trabalhadora.

Porém, os espaços não- formais têm seu lugar nessa construção de saberes, por trazer outra visão de educação; uma educação sem notas, avaliação, ou qualquer meio que possa medir a capacidade do sujeito, mas é um espaço que liberta os sujeitos das amarras de uma sociedade dividida em classes sociais, que oprime ao mesmo tempo que explora, fazendo valer a manutenção do *status quo* da burguesia.

Sigamos com as narrativas que acolhemos através de uma pedagogia da esperança. Assim, questionada sobre a relevância que a educação não-formal tem na vida e carreira profissional do pedagogo, Orquídea nos deu seguinte resposta:

Eu acho que muito, porque assim o espaço não- formal como te falei ele é um espaço motivador, ele é um espaço onde deixa a criança à vontade, a criança não é obrigada a participar, a criança não é obrigada a escrever, a criança não é obrigada a ler, a se expressar, a dar sua opinião e isso o pedagogo vai vendo esse que tá acontecendo e talvez nele crie esse amor que tanto Paulo Freire fala o amor para quando ele estiver na sua sala de aula ele buscar acreditar no seu aluno [...] a entender que a criança tem potencialidades uns são mais espertos ou são um pouco mais lentos, mas eles têm capacidade [...] isso é muito triste porque assim você tem o conhecimento se você faz o curso de determinada disciplina ou sei lá pedagogia ou então psicologia outros tipo você, tá vendo ali você tá tendo a ideia não que você vai diagnosticar mas você pode falar assim poxa eu poderia ajudar mas eu vejo que os professores hoje a maioria são egoístas que ter a bagagem de conhecimento para eles mas poucos usam para dar o seu aluno, mas a partir do espaço não formal eu acho que pode até despertar naquele estudante que vai lá essa possibilidade de quando tiver na sala de aula quem sabe ajudar o seu aluno, entendeu seu aluno na dificuldade do aluno (ORQUIÍDEA, 2021).

E a entrevistada Lótus nos relata que:

Eu acho que todo pedagogo deveria passar por um espaço desse, porque a gente humaniza o serviço eu digo isso né, é bem isso a gente trata com questões sociais muito grande, muito forte, e o pedagogo vai além da questão do ensino-aprendizagem da formação do professor, do acompanhamento, do planejamento do resultado das crianças como eu falei antes então o serviço ele é mais humanizado digamos assim (LÓTUS, 2021).

Nesse contexto notamos similaridades na fala das duas entrevistadas, a entrevistada Orquídea descreve a importância real de todo profissional formado em Pedagogia, passar por esses “espaços motivadores” como ela mesmo diz, pois, são agentes transformadores dos métodos de ensino revolucionários.

Acreditar na criança, aumentar o diálogo, indicar caminhos, proporcionar um lugar de fala, são muitas características que a educação não-formal oferece, Freire (2007, p.60) já indicava um caminho quando faz referência que a “dialogicidade verdadeira é o que leva os sujeitos a aprender e crescer na diferença, mas com respeito entre elas”.

De fato, esse ambiente totalmente diferente da escola, com metas e objetivos diversos excita o pedagogo e se construir e reconstruir, Lótus salienta como a atuação no espaço de educação não-formal é totalmente delicado, por tratar de questões sociais muito fortes e complexas, as quais não são mencionadas, e nem possui espaço no currículo fechado para serem discutidas na escola, logo para adentrar nesses espaços, é preciso em entender que as situações mais inusitadas vão acontecer, as metodologias vão ser ajustadas com o tempo e as ocasiões, não existe uma forma já pronta para ir ao embate das problemáticas da sociedade e de um local tão provocador, mas a postura humanizada, e empatia pelo contexto social é o principal olhar de qualquer educador.

A próxima questão levantada para as entrevistadas foi sobre qual postura o Pedagogo tem que adotar para poder atuar nesse espaço que é tão distinto da escola. Desta forma temos a seguinte resposta de Orquídea:

Eu acho que primeiro é o respeito, o respeito, o amor, acho que tem que ter o respeito e o amor, dá uma oportunidade a criança se expressar, é acreditar no potencial da criança né, porque eu digo direto né porque eles são da Urbis II que eles não são capazes de entrar em Universidade eles são capazes sim, de que forma? através da educação eu digo que todos nós somos capazes, inclusive teve umas estudantes que chegaram para mim dizer que elas estavam preocupadas, em fazer estágio no ponto de leitura porque as crianças de lá são muito inteligentes, isso me enche de orgulho talvez assim porque eles conversam, eles interagem, que eles dão ideia então se for alguém lá se não tiver uma didática um Jogo de Cintura é capaz dos maiores tirar o foco da oficina e como já aconteceu te dizer o professor isso aqui a gente já sabe, a gente já viu [...] (ORQUÍDEA, 2021).

Com essa fala de Orquídea, entendemos que sentimentos como o amor e o carinho são primordiais para os pedagogos que atuam nesses espaços, como um agente a serviço da educação tem de prover alternativas, oportunidades, propostas para que o sujeito se reconheça como parte fundamental daquele processo, que será ouvido como também terá seu local de fala, e tudo isso se dá a partir de como ele irá encarar cada situação, essa fala corrobora com Brandão (1988, p.34) quanto diz que há vários tipos de educação, que uma pode tornar pessoas escravas, como a outra tem o poder de emancipar o sujeito e os tornar livres, e se tratando de educação não-formal a educação tem de adotar essa função emancipatória. Lótus ressalta:

O posicionamento é o mesmo de uma instituição escolar responsabilidades, ter compromisso acompanhar o andamento das atividades, acompanhar as atividades estão coerentes com a proposta do local, então não tem muita diferença não eu acho que a responsabilidade é tamanha (LÓTUS, 2021).

A narrativa de Lótus, nos deixa como alerta que, um espaço de educação não-formal, por ter perspectivas distintas da escola, não é um indicativo que ação é precarizada ou é tratada de forma irresponsável, ao contrário o empenho, acompanhamento, metas são até

maiores que na instituição escolar por tratar de assuntos diversos e pessoas em situações de vulnerabilidade social, logo isso deixa evidente que o pedagogo que tem como objetivo atuar nesses espaços, seu empenho vai ser igual ou maior a qualquer outro local de ensino institucionalizado.

Ao serem indagadas sobre se há a necessidade do Pedagogo nesses espaços de educação não-formal, as colaboradoras destacaram os seguintes discursos:

Eu acho, eu acho importante porque assim eu sei que tem ONGs que trabalham nessa área que tem a maior boa vontade né, que tem o coração bom assim que tem as melhores das intenções, mas você tá trabalhando com crianças em formação, então você fez até uma ideia do que seja a educação[...]Ponto de Leitura não é assim Deli ela tem sim ela tem essa proposta pedagógica, não é só brincar, não é só para merendar, entendeu tem um objetivo, tem uma determinada a contação de história, tem uma oficina de arte ou de teatro tem objetivo de fazer aquilo não pode ser qualquer coisa, então no ponto de leitura, é por isso que eu te digo que eu acho que deve ter nesses espaços pessoas com formação né que entende o que é educação, é como esses dias eu tava olhando um pouco de teórico eu não me recordo o nome que ele fala que tem vários tipos de educação e a escola não é o melhor lugar em certos casos, então educação é em casa como assim sabe né a educação não formal na igreja, então né estamos aqui falando educação não é só na escola, então né precisa pelo menos a pessoa tem que ter uma base pelo menos saber o que é educação (ORQUÍDEA, 2021).

Lótus nos descreve: “*Sim, sim não só nos projetos sociais, mas também em outras instituições, também eu acho que o pedagogo ele só tem de acrescentar e contribuir para que esse trabalho seja mais eficaz e mais eficiente*” (LÓTUS, 2021). Nesta perspectiva, fica evidente a importância de tratar a educação de forma séria, principalmente os espaços não-formais, para não ser confundido apenas como uma instituição que tem o serviço de assistencialismo.

O Ponto de Leitura, como dito pela entrevistada Orquídea vai para além dessa proposta, ele é um espaço em que a leitura, escrita, as propostas pedagógicas são cumpridas com excelência, qual tem dado grandes frutos esse comprometimento com a educação das crianças.

É preciso insistir: este saber necessário ao professor – que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa de ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa de ser constantemente testemunhado, vivido (FREIRE, 1996, p. 21).

Freire nos relata a necessidade de um saber compartilhado a partir da vivência que educando está inserido, e essa afirmação se reflete no relato de Orquídea. A partir do convívio e a ótica pedagógica de conhecer cada sujeito, nossa entrevistada por meio de metodologias assertivas, consegue usar todas as estratégias, baseada na leitura e escrita para proporcionar as crianças uma experiência prazerosa e relevante.

A entrevistada Lótus nos faz pensar ainda mais sobre essa problemática, para ela o Pedagogo não deve apenas está inserido nos projetos sociais ou na sala de aula, sua capacidade e competência é capaz de enriquecer qualquer instituição, seja de ensino ou não, ou veja a abrangência e a forma de transformação e dinâmica que a Pedagogia oferece capacita o profissional para ser eficiente em qualquer campo de atuação. Conforme Libâneo (2005, p.14):

Os profissionais da educação formados pelo curso de Pedagogia venham a atuar em vários campos sociais da educação, decorrentes de novas necessidades e demandas sociais a serem regulados profissionalmente. Tais campos são: as escolas e os sistemas escolares; os movimentos sociais; as diversas mídias, incluindo o campo editorial; a áreas da saúde; as empresas; os sindicatos e outros que se fizerem necessários. [...] execução e avaliação de programas e projetos educacionais, relativos às diferentes faixas etárias (criança, jovens, adultos, terceira idade); formação de professores; assistência pedagógico-didática a professores e alunos; avaliação educacional; [...] e outros campos de atividade educacional, inclusive os não escolares (LIBÂNEO, 2005, p. 14).

Corroborando com o Libâneo vale notar a necessidade do pedagogo nesses espaços, seja na sua atuação na escola, empresas e espaços não-formais de educação, pois são agentes mediadores de interesses que contribuem para a transformação social.

Contando sobre o processo da graduação até o profissional formado em Pedagogia, foi perguntado as entrevistadas se durante a academia elas sentiram uma ausência sobre essa temática e se durante esse processo a universidade conseguiu suprir a necessidade de mostrar todas as faces educação não-formal, Orquídea se expressa da seguinte forma:

Não a universidade não, não forma, não eu acho que esses estágios não deveriam ser no final do curso os estágios deveriam ser como eu já tinha essa veia com o social a algum tempo ficou mais fácil para mim mas eu acho que os estágios não deveriam ser no final do curso os estágios deveriam ser no começo do curso, porque tem pessoas que não têm o perfil para estar na sala de aula, eu vi muitas pessoas dizendo, eu estou me formando para ter um diploma! Eu estou me formando para um concurso! Eu não gosto de criança! Não tenho paciência! então é isso vai ser um bom profissional esse não vai ser o bom profissional, então para pessoa ter uma ideia eu vou migrar de curso porque assim eu amo o que eu faço, eu digo eu amo o que eu faço no projeto [...] e eu vejo assim a universidade um pouco assim distante, fala tanto da educação das classes populares, que é uma universidade pública, que é não sei o quê mas eu não vejo muitas ações, e olha eu conversei com várias pessoas, gente eu preciso apoio de vocês no ponto de leitura incentivar mais os alunos que a universidade [...] eu tenho esse compromisso com educação, eu tenho um compromisso social um respeito pelas crianças que vão para lá, que estão lá, e que esperam que eu tenho algo para contribuir na vida dela (ORQUÍDEA, 2021).

Neste primeiro relato, percebemos que para a entrevistada existe uma lacuna entre o que é aprendido na universidade e o que realmente acontece no dia a dia do pedagogo que atua na educação não-formal. Para a colaboradora, em especial, essa adaptação do que ela aprendeu com a sua vivência aconteceu de norma menos difícil por já está habituada com o contexto social, e pegar todo esse conhecimento da academia e aplicar na suas práticas

pedagógicas, como sente uma ausência da universidade nesses espaços de poder juntar forças, o que poderia ajudar outros alunos a desenvolver ainda mais a vontade de ingressar na educação não -formal, como em consequência trazer outros conhecimentos e vivências enriquecendo ainda mais o projeto.

A universidade é sustentada nos três pilares: ensino, pesquisa e extensão, portanto oferecerem um bom suporte teórico-prático sobre a vivência nos espaços não escolares, através do seu currículo, estágios e docentes capacitados para que sejam explicadas as problemáticas acerca desses contextos. O campus do CFP, possui vários programas que são destinados especificamente à comunidades, quais sejam: Tecelendo e Casa do Duca, são programas de extensão que tem a intenção diminuir ainda mais a distância entre a academia e a sociedade, e mostrar que a universidade é um espaço de todos e todos os saberes são valiosos.

Lótus nos responde assim:

Não eu acho que a graduação ela lhe qualifica, mas a experiência no chão mesmo da instituição é que vai mesmo lhe formando né, você continuar sua pesquisa, seus estudos, e buscar respostas, e experiências é que vai contribuindo lhe preparando para a função na verdade (LÓTUS, 2021).

Em concordância com a entrevistada Orquídea a colaboradora Lótus nos declara que a graduação não forma o pedagogo completo para as inúmeras ações que acompanham a profissão, o que vai torná-lo um profissional capacitado é a experiência no local de trabalho, tratar cada caso como um caso, entender os lados das circunstâncias e o principalmente continuar sua qualificação. O pedagogo tem que acompanhar todos esses processos educacionais, sua formação continuada e suas pesquisas, conforme os pensamentos de Libanêo (2004, p.227), “formação continuada ela é o prolongamento da formação inicial, visando o aperfeiçoamento profissional teórico”, logo o caminho em pesquisar novas estratégias sempre será fundamental, para a vida profissional do pedagogo.

Por fim, o último questionamento feito para as colaboradoras foi para saber se elas achavam que esse trabalho feito na educação não-formal de alguma forma pode transformar a sociedade. Orquídea destacou da seguinte forma:

Sim com certeza [...] então assim é muito importante porque a partir do Ponto de Leitura na comunidade, a comunidade já é vista agora as pessoas não enxergam mas a comunidade com o nome seu eu tirar uma foto do começo que era de lama de mato de lixo e arrumei muito a briga, hoje eu sou vista como a contra, como a “confuzenta” mas isso não importa né, hoje na comunidade está sendo construída uma pracinha um parquinho, calçou em volta da escola, [...] é como eu sempre digo eu olho com os olhos do coração, então eu olho para aquela criança que consigo entender o contexto dela, o contexto de onde ela tá vindo, então é bom ter esses passos [...] é o contexto é no espaço não formal que eu conheço as crianças é lá que

eu conheço elas no início eu não sabia o nome hoje seu nome de todos, e tenho ideia do que as crianças passam aquele que mora com a vó, aquele que a mãe mora em Salvador, e todo dia tá na casa da vó da madrinha, que a madrinha não quer ,aquela criança que fala batendo, então hoje eu consigo eu converso, eu entendo o contexto dela então esses espaços é bom que você acaba entendendo a reação de uma criança porque ela é assim será que é porque ela quer né (ORQUÍDEA, 2021).

Lotus responde à pergunta desta maneira:

Sim, sim eu acho que pelo menos o Oasis é um agente transformador é um agente de transformação que Visa isso, não só tá trazendo uma atividade programática, mas também tá trazendo condições de estar suprindo todas as necessidades acadêmica, social, física, emocional toda uma estrutura para que eles possam estar vivendo de uma forma melhor vindo de onde eles estão vindo, de uma área de vulnerabilidade social tão grande, então eu fico muito satisfeito com que eu faço lá (LÓTUS, 2021).

Orquídea e Lótus, concordam que os espaços não escolares são de imensa importância para a oxigenação e transformação da sociedade em um ambiente menos hostil para a vivência dos sujeitos, não apenas na perspectiva da melhora de vida das pessoas, mas uma mudança estrutural no local onde o projeto está inserido, por suas atividades locais ficarem cada vez mais conhecidas, o bairro se torna mais visível e suas demandas são atendidas. Lótus declara que esses projetos sociais são “agentes transformadores “que ajudam muito os sujeitos, e essa ajuda feita por ela e ver de perto as modificações é o que de fato lhe deixa realizada como pedagoga e como pessoa.

Assim reforça-se a necessidade da inserção do pedagogo nesses espaços, como também é de extrema importância para os sujeitos que frequentam os projetos, o que além de contribuir na perspectiva humana a educação não- formal promove a conquista da própria identidade, autonomia e liberdade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que a pesquisa revela sobre a educação não-formal mostra a sua dimensão na sociedade vigente, o que possibilita que sujeitos que muitas vezes foram banalizados, colocados à margem de um processo educacional, possam ser ouvidos e respeitados, além de operar a educação com vistas a um processo humanizador. Nesse sentido a pesquisa cumpre com o objetivo que foi analisar a atuação do pedagogo nos espaços não formais, (ONG's) em especial o Ponto de Leitura e o Centro de Convivência Oásis.

Tendo com foco as discussões levantadas nessa pesquisa, os espaços de educação não-formal que incluímos, os projetos sociais e ONG's, possuem um valor educacional muito grande, não só para os participantes, mas como para os profissionais da educação que atuam nesse contexto.

O estudo aponta a importância do pedagogo nos espaços de educação não-formal, com sendo fundamental nesse processo. Sua formação permite aumentar a lente sobre as questões de natureza pedagógica e o olhar cuidadoso com as causas sociais, suas metodologias para conseguir entender e escolher os melhores caminhos, transformam seu fazer pedagógico em um ato político, cujo exercício da docência se articula com sua práxis. As reflexões tecidas ao longo dos capítulos respondem à pergunta da pesquisa que é saber sobre a atuação do pedagogo nos espaços de educação não formal.

A educação não-formal, conforme a pesquisa demonstra ainda é invisibilizada e estigmatizada principalmente pelo Estado que tem sua grande parcela de culpa, com a ausência de política públicas que possam fomentar ações de ampliação desses espaços. Não tiramos o valor que a escola tem no processo educativo do sujeito, como já foi explicado na referida pesquisa, mas seu campo de atuação é limitado para suprir todas as inquietações, problemáticas, e demandas do sujeito.

A pesquisa faz refletirmos e alimenta mais indagações: Porquê a educação não -formal é tão inferiorizada, já que estamos falando de educação? Já que esses espaços tem um papel tão importante quanto a escola, porque não incentivar mais iniciativas dessa modalidade de ensino? Porque não propor uma parceria entre as duas educações? Porque a omissão do Estado no que se refere educação não- formal?

Enfim, a pesquisa não se encerra por aqui, ainda há um caminho muito grande junto com esses projetos sociais, ONG's, comunidades e academia para entendemos como podemos juntar forças para buscar o que é nosso de direito. E enquanto a Pedagogia no campo da educação seja ela qual for, tem o papel de transformação, humanização e cidadania, valores e princípios, logo o pedagogo é um agente a favor da educação para a transformação de vidas.

Viva ao Ponto de Leitura, viva a Associação Beneficente Oasis, viva a educação não-formal!

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. 3 ed. rev e ampl. SP: Moderna, 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Educação**. 21ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- BRASIL Presidência da República. (1939) **Decreto - Lei n.1190**.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura**. Resolução CNE/CP 1/2006. Diário Oficial da União, Brasília, 16 de maio de 2006, Seção 1, p. 11 nal de educadores. Educ. Soc., Campinas, vol. 27, n. 96 – Especial, p. 843-876, out. 2006
- BRASIL. Lei nº 9. 394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases**
- BRASIL. Ministério da Educação (MEC), Secretaria de Educação Média e Tecnológica (SEMEC). **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.
- BRASIL. Resolução CNE/CP 1/2006. **Diário oficial da União, Brasília**, 16 de maio de 2006, Seção 1, p.11.
- CHIZZOTTI, Antônio. **a pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios**. Revista Portuguesa de Educação, añ/vol. 16, número 002 Universidades do Minho Braga, Portugal PP. 221-236
- da Educação Nacional. Brasília: Senado, 1996.**
- FRANCO, M. A. S. **Pedagogia como ciência da educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36e. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 50. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015
- _____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. 1996**
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outras escritas**. 11ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal na pedagogia social.**, 2006.
- _____. **Educação Não Formal e Cultura Política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. São Paulo: Cortez, 1999.
- LAKATOS, Eva Maria. **FUNDAMENTOS DE METODOLOGIA CIENTIFICA** / Maria de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. 6. Ed – 5. reimpr. – São Paulo: Atlas 2007.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola – Teoria e Prática**. Goiânia: Alternativa, 2004

- LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 8. ed. São Paulo, Cortez, 2005.
- MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social. Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.
- MARTINS, G. A. **Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- OLIVEIRA, Eider Arantes; SOUZA, Edileusa Godói de. **O Terceiro Setor no Brasil: Avanços, Retrocessos e Desafios para as Organizações Sociais**. Revista interdisciplinar de gestão social, Salvador-BA, v. 4, n. 3, p. 181-199, 2015
- REZENDE, Rui. **Amargosa: nossa terra, nossa gente**. Salvador: PS5 edição, 2019
- SANTOS, Boaventura de Souza. **um estudo sobre as ciências / Boaventura de Souza Santos** . – 5. Ed. – São Paulo: Cortez, 2018
- SILVA, Carmem Silva Bissalli da. **Curso de Pedagogia no Brasil: história e identidade**. Campinas, SP: Autores associados, 1999.
- TANURI, Leonor. M **Contribuição para o estudo da escola Normal no Brasil**. São Paulo: CRPE, n. 13, 1969.
- TRILLA, J. A **pedagogia da felicidade**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987
- VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Editora Atlas, 11ª Ed., 2009.
- YIN, Roberto K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2ª Ed. Porto Alegre. Editora: Bookmam. 2001

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada **A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NA CIDADE DE AMARGOSA- BAHIA**, pelo pesquisador Daniel Freitas Conceição, do curso Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), sob orientação da professora Dr.^a Gilsélia Macedo Cardoso Freitas. Esta pesquisa tem por finalidade analisar como acontece a atuação do pedagogo em espaços de educação não formais.

- Sua participação não é obrigatória e a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou instituição.
- Sua participação na pesquisa não é remunerada nem implicará em gastos para você.
- Sua participação nesta pesquisa consistirá em conceder uma entrevista a pesquisadora, bem como permitir que a pesquisadora faça observações durante alguns dias e oficina com as crianças. No que se refere a entrevista e oficina serão realizadas em data, local e horário previamente definidos de acordo com a disponibilidade de ambas as partes. Quanto as perguntas, a Sr.^a. estará livre para não responder se assim desejar.

Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais, somente a pesquisadora e a orientadora terão conhecimento da sua identidade. Desta forma será escolhido um nome fictício para a utilização de suas falas durante os escritos da pesquisa. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação e da instituição de ensino.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, você receberá uma cópia deste termo, que possui três vias, sendo uma delas sua, uma da instituição e a outra do pesquisador responsável. Seguem os telefones e o endereço da pesquisadora responsável e da orientadora.

Contatos do pesquisador responsável: Daniel Freitas Conceição, graduando do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Centro de Formação de professores (CFP), celular: (75) 98247-1922, e-mail: dan-dan_77@hotmail.com Contatos da orientadora: Dr.^a Gilsélia Macedo Cardoso Freitas, professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Centro de Formação de professores (CFP), Celular: (75)92054678, e-mail: gfreitas@ufrb.edu.br

Declaro que entendi os objetivos, e benefícios de minha participação na pesquisa, eu, _____, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento.

Amargosa, ____ de _____ de 2021.

Daniel Freitas Conceição
(Pesquisador responsável)

Profa. Dra. Gilsélia Macedo Cardoso Freitas
(Pesquisadora/Orientadora)
Siape

APÊNDICE 2 – Questionário (docente)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NA
CIDADE DE AMARGOSA -BAHIA**

**Graduando: Daniel Freitas Conceição
Orientadora: Gilsélia Macedo Cardoso Freitas**

Questionário as entrevistadas do Ponto de Leitura e o Centro de Convivência Oásis ambos situados na cidade de Amargosa – Bahia

**A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NO
MUNICÍPIO DE AMARGOSA - BA**

/

Amargosa – Bahia

agosto de 2021

IDENTIFICAÇÃO E ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O (A) PROFESSOR (A)	
Nome da Espaço:	
Endereço:	
Nome do (a) responsável:	Formação acadêmica:
Sexo: masculino () feminino ()	
Data de nascimento:	

1. Conte sua história como você chegou aqui?

2. Qual o tempo de atuação na Educação não formal?

3. Por que optou por atuar na Educação não formal?

4. O que mais lhe satisfaz nesse trabalho em espaços não formais

5. O que você acha que a educação em espaços não formais pode contribuir para a carreira de um pedagogo

6. Qual deve ser o posicionamento e postura dos Pedagogos que trabalham nesses espaços

7.Você acha que é necessário o pedagogo nesses espaços de educação de educação não formal ?

8.Sendo pedagogo você senti algum ausência na sua formação que lhe preparou ou não para essa função?

9.Você acha que seu trabalho nos espaços são formais de alguma forma transforma a sociedade?_

APÊNDICE 3 - Transcrições das entrevistas

Transcrição dos áudios **ENTREVISTADA 1 ORQUÍDEA**

Pergunta 1. Conte sua história como você chegou aqui?

Pronto eu se eu for contar um pouco da minha história eu vou falar um pouco sobre o que levou, a esse ponto de leitura eu tive uma infância tranquila né, não gostava muito de estudar e resumindo aos quase 50 anos retornei aos estudos uma situação me levou a retornar os estudos né. E aí eu percebi que o que me causou mais dificuldade foi a questão da Leitura interpretar texto, porque aquele que lê bem né ele tem uma ampliação do vocabulário né todo mundo sabe disso, aí o que foi que me aconteceu e eu senti muita dificuldade né de estar acompanhando de estar no contexto da Universidade era tudo novo e nisso eu fui me inteirando na leitura é de Paulo Freire né, que eu me encontrei bem assim na leitura dele me vi né assim num contexto que ele contava as coisas e a partir daí eu fui me interessando e o trabalho também na biblioteca me levou também a aproveitar a oportunidade que tinha na biblioteca de não ter nenhum projeto nada que trouxesse a leitura de mais próximo do aluno tinha os alunos tinha livros nas estantes mas não tinha projeto como eu acredito que até hoje não tem e eu comecei a convidar aqueles meninos né que ficavam esperando os transportes pra zona rural e nisso eu vi a oportunidade, não foi um trabalho que eu comecei a fazer lá porque alguém mandou não foi secretária de educação não foi a pessoa responsável eu sentir a necessidade de aproveitar aquela oportunidade aqueles jovens sentados alguns no celular alguns conversando e eu comecei um projeto que era um convite a leitura que eu convidava esse estudantes que entravam lá, lá tinha uma salinha e aí muitas vezes eu convidava para salinha para gente ler um poema uma poesia um texto um livro pequenos da Literatura Infantil que pudesse ser lido naquele período que eles tivessem lá e aí eu comecei a ler esses livros e eu comecei a ler muitos livros da Literatura Infantil para eu poder estar indicando, as crianças que eu percebi que era meio preguiçoso que não gostavam de ler que dia ia me dizendo de cara eu odeio ler eu já leio na escola e eu já sabia mais ou menos que livro era mais engraçado aquele mais atrativo e aí eu comecei a indicar a convidar esses meninos a ler tanto é que em 2014 na época eu ia escrever meu TCC como educação de jovens e adultos eu acabei mudando o tema devido a isso porque na época eu era a professora Dalina que era minha orientadora falou Délia você já tem um projeto quase pronto a gente precisa colocar no papel

piloto né e aí eu coloquei no papel na verdade eu mandei esse projeto um convite a leitura para um evento no Rio Grande do Sul onde eu ganhei uma premiação lá na época né eu não convite a leitura e a partir daí eu fui começando a gostar gosto e eu percebi que eu tinha essa capacidade, eu não digo capacidade mas eu tinha esse traquejo de ir pela salinha né e aí bum a universidade foi indo foi indo e entrou a professora Euracia né que aí Dalina não foi embora aí a professora falou assim Adélia é muito bom isso aí a gente pode seguir à frente me deu o maior assim é incentivo em 2015 no final de 2015 eu comecei fazer um trabalho nas Comunidades Rurais, que era o Semeando Leitura onde eu até fiquei empolgada que eu achei que a leitura pode ser que, pode criar o gosto pela leitura a leitura quanto mais é aproximada do aluno de uma maneira mais livre né menos imposta tem essa de não impor um livro mas aproximar o livro e mostrar como é gostoso ler é e aí fui fazendo esse trabalho com os meninos das Comunidades Rurais só que eu não queria uma coisa de vez em quando eu queria uma coisa né tipo fixo e foi aí que surgiu o ponto de leitura acho que acabei a pergunta 1, e aí eu comecei ir aí não tinha terminado o curso de pedagogia ainda né eu comecei a correr atrás desses passos e na época que surgiu a Urbis II muitas pessoas me criticavam achava que era loucura eu sair aqui da cidade para ir para aquele lugar que era um lugar assim né muito distantes que as crianças lá não iam frequentar o espaço que isso não ia dar certo que eu ia ser lá e aprender meu tempo, e aí eu fiquei foi ficando quieta e fui procurando e fui procurando casa e aí é para casa encontrei em fevereiro de 2016 e Janeiro 2016 e aí Aluguei a casa com meu dinheiro e o povo, você é maluca alugar essa casa e aí eu fiz logo uma lista pedindo coisas né e pensei até em fazer um mapeamento do lugar do bairro tipo rua A, rua b, rua c, Arapongas, Alto das Pombas né Rua do Foguete só que não foi preciso eu fazer esse mapeamento para ir convidar as crianças aí eu estava de férias e quando eu ia para casa para casa bem pequenininha as crianças começaram a chegar na porta, o que é isso? curioso né e na a proposta Inicial era uma biblioteca comunitária, eu queria ter um espaço na comunidade onde as crianças pudessem ter acesso ao livros e literaturas porque a gente vê a classe mais popular não tem essa facilidade de livros né, então eu queria compor um acervo infantil juvenil que as crianças pudessem ir lá não só crianças mas também todas as pessoas da comunidade que quisessem ir lá e pudesse ter acesso a esses livros e aí não precisou eu ir na casa das crianças chamar as crianças já foram vindo e nisso depois foi surgindo outras ideias né, as pessoas foram vendo eu fui abrindo a página no Facebook as pessoas foram vendo e foram se animando e me perguntavam tu ainda tá lá e sim no início esse aluguel foi pago por mim como o pessoal da ACIAPA que associação comercial já me conhecia porque eles já pagavam os carros que a gente ia para as comunidades rurais né, porque a gente foi esse

trabalho durante 4 meses e o filho do dono do feirão O que é o que mantém o aluguel do projeto hoje um dia conversando com ele ele falou mas não a gente não pode tá assim assumindo esse aluguel tem de pagar um advogado então é prioridade é ter um advogado aí eu falei tudo bem aí quando eu encontrei ele que outra vez que foi o próximo de Março ele perguntou e aí Delia como é que tá? eu disse eu já aluguei a casa aí ele me pergunto, tu já alugou? Tu conseguiu o parceiro? Aí eu disse não, foi Neto o filho de seu Valdir aí ele falou assim então a partir de hoje o feirão vai assumir o aluguel, como tem assumido de março de 2016 até a presente data, e com isso foi surgindo outras ideias não só de ter o espaço para leitura mas também convidar outras pessoas porque meu objetivo era trazer as pessoas para comunidade como eu percebi que a comunidade era muito discriminada eu particularmente tinha um certo preconceito do bairro né, porque as pessoas falavam que que lá só tinham que não tinha uma conduta boa, então eu me desafiei eu queria falar assim ah porque tu não fica no centro da cidade é melhor para você, você não precisa pagar transporte é mais cômodo mas eu não queria isso queria ir para um lugar onde as pessoas onde as pessoas vamos supor não queria ir, eu queria algo desafiador né que pudesse tá mesmo acrescentando a comunidade daí eu fui convidando aos poucos pessoas para irem, para lá e então saiu só da leitura só do espaço para leitura para outras temáticas né e conforme foi passando as pessoas foi se inteirando as pessoas foi acreditando no projeto o projeto ganhou visibilidade né, porque quem não é visto não é lembrado, então se fosse algo que eu não tivesse esse acesso à internet, se eu não tivesse esse acesso está convidando as pessoas para ir de tá falando do projeto e isso não teria essa dimensão que teria hoje, assim as pessoas acreditarem no projeto ele é algo que está acontecendo e que está ajudando a comunidade tanto é que muitas pessoas não conheciam a comunidade muitas pessoas tinham receio de entrar na comunidade eu lembro que no início teve pessoas que iam com carro com vidro fechado com medo assim de ser vista sei lá de as pessoas fazerem alguma coisa né não sei, e isso foi mudando os próprios moradores os familiares dos meninos que vão para o ponto me falam ou pro antigamente a Urbis II só apareceu na internet quando era algo de ruim e hoje tá direto na internet através do ponto de leitura né, através das suas ações que têm sido feitas lá, o projeto é sem fins lucrativos, o projeto busca agregar valor na vida das crianças né, a partir dessas atividades as pessoas que vão lá né por exemplo não é necessariamente estudantes pode dona de casa eu como Educadora Freiriana como me considero eu acredito que todo mundo tem capacidade de ensinar algo né, se você não é capaz de aprender algo com a criança fica impossível você ensinar então é aquela troca de experiência e dessa interação mesmo e a partir daí as pessoas foi se envolvendo mais quando foram conhecendo projeto, então assim eu não tenho ajuda do

poder público, de nenhum partido político, de não ter ajuda de nenhum vereador né, essa sociedade civil são pessoas que me conhecem que conhece a minha luta de tá lá de tá fazendo com que as crianças tenham uma qualidade de vida melhor um aprendizado, então em 2017 eu consegui os dois terrenos a gente já começamos a construção tudo que falta para terminar já tá comprado já tá na casa de material de construção, infelizmente são coisas que temos de ter paciência porque você vai lidar com algo do social que é muito mais difícil as barreiras são maiores as dificuldades são grandes quando você está na área do social, tu que você está na área formal, sempre eu falo para as pessoas que vão lá quando você desenvolve um trabalho formal vocês tão tranquila porque você pode fazer esse trabalho com amor sem amor porque no final do mês o dinheiro está na sua conta então você como profissional você pode seguir as duas linhas, fazer com dedicação com amor ou não e no trabalho voluntário no trabalho social a única coisa que te move é o amor, se não tiver o amor você não vai, eu não vou sair daqui do centro da cidade para ir para a Urbis II no dia de domingo assim né como muitas pessoas que eu convido eu que não vou vai tu que não tenho que fazer eu já ouvi muito isso falar assim ah tu é que não tem o que fazer tu tá lá, porque tu não tem o que fazer então assim eu vejo assim que é um sonho que eu tinha que eu não queria que as crianças passassem pelo que eu passei eu quero por exemplo assim a intenção do projeto não é só a questão educativa, é também levar para as crianças a questão mesmo da formação integral, do sujeito não na questão religiosa nem política partidária, mas na questão do ser, um ser que vai viver em uma sociedade de desafios né, que não vai ser tudo e por exemplo não vai ser tudo da forma que eles querem eles vão ter de lutar e batalhar estudar a questão dos valores humanos também do respeitar, do dividido, do compartilhar então esse é o papel do ponto de leitura então as pessoas que vão para lá as pessoas que as pessoas Delia as crianças são inteligentes Claro se é um processo de desde 2016 tem crianças que estão desde 2016 até hoje é tanto que Jeferson e Ninha que são os maiores estão até hoje e hoje eu já estou não é treinando mas já estou assim formando outros monitores então do mês passado para cá eu fiz uma lista de espera de monitores voluntários mirins, quer dizer o que é um monitor voluntário é aquela criança que chega mais cedo ela vai varrer ela vai organizar, ela vai lavar o copo de beber água ela vai olhar o banheiro né, ela vai olhar se os livros estão arrumadinhas então tem uns que tem esse sonho quando eu vi o Jefferson é Ninha fazendo alguma coisa eles queriam também fazer, então era uma briga então para não ficar 10 querendo varrer aí eu coloquei essa lista de espera e eu tenho essa lista aí eu digitei e coloquei quando sair os três que estão esse mês vão entrar 3 no mês que vem e é isso vê se esqueci de alguma coisa [...].

Pergunta 2. Qual o tempo de atuação na Educação não formal?

Na verdade eu sempre gostei de trabalho social, porque esse ponto de leitura é um trabalho social ele é um trabalho onde eu faço fora do meu trabalho formal, eu sou servidora pública e ultimamente estou afastada do trabalho e esse é um trabalho sem fins lucrativos, eu vou para lá e eu nunca fui remunerada para estar nesse projeto, eu sempre paguei as horas que iria que eu fui para o projeto pagava do meu trabalho formal então assim eu nunca fui remunerada e ninguém que esteve lá até hoje teve remuneração de alguma forma, o projeto tem 4 anos mas eu sempre gostei de trabalho social, eu já trabalhei como alfabetizando idosos, na época eu lembro que um tempo atrás eu dava aula de ponto de cruz também nessa questão social também nunca trabalhei recebendo eu sempre gostei de compartilhar aquilo que eu sei, assim né com alguém eu tenho uns oito nove anos mais ou menos eu sempre gostei assim de juntar crianças para contar histórias.

Pergunta 3. Por que optou por atuar na Educação não formal?

No caso esse projeto é fruto do meu TCC, eu não quis deixar meu TCC na gaveta como acontece você se forma tererê tererê acaba o projeto ficando na gaveta então eu não queria que isso acontecesse então eu queria te aquilo que eu escrevi ia que eu acredito se tornasse realidade como se tornou o ponto de leitura eu sempre gostei da área do social.

Pergunta 4. O que mais lhe satisfaz nesse trabalho em espaços não formais?

O que me satisfaz o que assim me deixa super feliz e emocionada é ver o crescimento das crianças é ver aquela criança de 3 anos como Alice, Alice ela é uma criança interativa, Alice é uma criança participativa, ela claro que ela não sabe nem ler nem escrever, mas se eu falar Alice a gente vai fazer uma contação de história, vamos fazer ela pega o livro, escolhe o livro, escolhe e fala a professora esse livro é muito chato! então ela pega o livro ela vai fazer contação de história não, só Alice mas também outras crianças também eu percebo que algumas mães falam Pro eu posso mandar Letícia para o ponto de leitura com uma aconteceu aonde mês passado que Letícia é muito quieta a Letícia não se comunica envergonhada é muito tímida e Letícia hoje tá participando a gente faz atividade quem quer apresentar Letícia apresenta então tem um caso de Letícia que Alice de Luís Felipe de várias crianças que a partir do ponto de leitura eles começaram a se predispor apresentar a falar a questionar a dar opiniões porque os espaços não formal é isso é como fosse assim dá oportunidade a criança a se expressar e muitas vezes na escola ele não tem essa oportunidade, é claro que a escola não vai não vai tirar a mérito dela é na escola que a criança aprende a ler a escrever mas Alice

quando ela for para escola ela não vai ter dificuldade por que quando a professora perguntar: Quem quer fazer a leitura? ela vai ser a primeira a dizer que quer fazer porque ela é como se fosse assim ela é motivada a fazer isso eu como fosse assim eu aposto que aquela criança é capaz é isso que eu digo para eles vocês são capazes de entrar na universidade e os sonhos que eles, têm Alice disse que vai ser Doutora como Luis Felipe disse que vai ser promotor de justiça como o outro disse que vai ser pedagogos, então talvez aqueles que têm cinco sonhos talvez não consiga alcançar nenhum deles mas eu no meu papel social de Educadora social eu tenho que acreditar naquela criança eu tenho que apostar todas as fichas naquela criança que ela vai ser e tenho que mostrar os caminhos através da educação através do estudo da dedicação da leitura.

Pergunta 5. O que você acha que a educação em espaços não formais pode contribuir para a carreira de um pedagogo?

Eu acho que muito, porque assim o espaço não formal como te falei ele é um espaço motivador, ele é um espaço onde deixa a criança à vontade, a criança não é obrigada a participar, a criança não é obrigada a escrever, a criança não é obrigada a ler, a se expressar, a dar sua opinião e isso o pedagogo vai vendo esse que tá acontecendo e talvez nele crie esse amor que tanto Paulo Freire fala o amor para quando ele estiver na sua sala de aula ele buscar acreditar no seu aluno, a se aproximar mais de seu aluno, a entender que a criança tem potencialidades uns são mais espertos ou são um pouco mais lentos, mas eles têm capacidade isso faça o que o estagiário ele faça refletir a não discriminar criança porque ela tem mais dificuldades, mas se aproximar e ajudar eu sempre falo isso porque eu conheço muitos professores e muitos que eu conheço se preocupa muito em certificado, em fazer curso, eu não conheço mas talvez tenha professores que para ajudar seu aluno é muito pouco, isso é muito triste porque assim você tem o conhecimento se você faz o curso de determinada disciplina ou sei lá pedagogia ou então psicologia outros tipo você, tá vendo ali você tá tendo a ideia não que você vai diagnosticar mas você pode falar assim poxa eu poderia ajudar mas eu vejo que os professores hoje a maioria são egoístas que ter a bagagem de conhecimento para eles mas poucos usam para dar o seu aluno, mas a partir do espaço não formal eu acho que pode até despertar naquele estudante que vai lá essa possibilidade de quando tiver na sala de aula quem sabe ajudar o seu aluno, entendeu seu aluno na dificuldade do aluno.

Pergunta 6. Qual deve ser o posicionamento e postura dos Pedagogos que trabalham nesses espaços?

Eu acho que primeiro é o respeito, o respeito, o amor, acho que tem que ter o respeito e o amor dá uma oportunidade a criança se expressar, é acreditar no potencial da criança né, porque eu digo direto né porque eles são da Urbis II que eles não são capazes de entrar em Universidade eles são capazes sim, de que forma? através da educação eu digo que todos nós somos capazes inclusive teve umas estudantes que chegaram para mim dizer que elas estavam preocupadas em fazer estágio no ponto de leitura porque as crianças de lá são muito inteligentes, isso me enche de orgulho talvez assim porque eles conversam, eles interagem, que eles dão ideia então se for alguém lá se não tiver uma didática um Jogo de Cintura é capaz dos maiores tirar o foco da oficina e como já aconteceu te dizer o professor isso aqui a gente já sabe, a gente já viu, a senhora veio trazer isso, não com falta de respeito, mas eles querem outra ideia, outra sugestão, porque ele já são enterrados já esse tempo todo é letras é libras então tipo ano passado foi o pessoal do CETEP fazer um estágio de dietética e alguma coisa assim educação e dietética alguma coisa voltada, as crianças já sabiam porque ano passado foram pessoas de Santo Antônio de Jesus fazer um mês de estágio que era um Fisioterapeuta e Nutricionista então ela trouxe vários assuntos que eles acabam não esquecendo que a criança tem a memória ótima a é fácil né eu tanto das crianças de 7 anos que tem formação então quanto mais você trazer conhecimento estar orientando né puder tá trazendo a leitura para ele aproximando a leitura para ele é o que eu sempre digo a leitura a criança cria o gosto pela leitura, não é incentivar a leitura ela pegar o gosto para entender que tem a leitura, que ela pode ler com prazer, e a leitura que ela precisa ler para responder algo esteja no livro da escola alguma coisa desse tipo.

Pergunta 7. Você acha que é necessário o pedagogo nesses espaços de educação de educação não formal?

Eu acho, eu acho importante porque assim eu sei que tem ONGs que trabalham nessa área que tem a maior boa vontade né, que tem o coração bom assim que tem as melhores das intenções, mas você tá trabalhando com crianças em formação, então você fez até uma ideia do que seja a educação, você precisa porque assim, tem gente que fala assim projeto social, como eu soube que uma professora falou na sala tem uns 2 anos isso e umas meninas que tinha feito um estágio no Ponto de Leitura me defendeu e aí me contaram ah mas esse social são tudo assim assistencialista, não tem uma proposta pedagógica, é só brincadeira, os meninos vão para lá para lanchar e aí na época as meninas que fizeram estágio lá e defenderam eu disse olha lá no Ponto de Leitura não é assim Deli ela tem sim ela tem essa proposta pedagógica, não é só brincar, não é só para merendar, entendeu tem um objetivo, tem

uma determinada a contação de história, tem uma oficina de arte ou de teatro tem objetivo de fazer aquilo não pode ser qualquer coisa, então no ponto de leitura, é por isso que eu te digo que eu acho que deve ter nesses espaços pessoas com formação né que entende o que é educação, é como esses dias eu tava olhando um pouco de teórico eu não me recordo o nome que ele fala que tem vários tipos de educação e a escola não é o melhor lugar em certos casos, então educação é em casa como assim sabe né a educação não formal na igreja, então né estamos aqui falando educação não é só na escola, então né precisa pelo menos a pessoa tem que ter uma base pelo menos saber o que é educação.

Pergunta 8. Sendo pedagogo você sentiu alguma ausência na sua formação que lhe preparou ou não para essa função?

Não a universidade não, não forma, não eu acho que esses estágios não deveriam ser no final do curso os estágios deveriam ser como eu já tinha essa veia com o social a algum tempo ficou mais fácil para mim mas eu acho que os estágios não deveriam ser no final do curso os estágios deveriam ser no começo do curso, porque tem pessoas que não têm o perfil para estar na sala de aula, eu vi muitas pessoas dizendo, eu estou me formando para ter um diploma! eu estou me formando para um concurso! eu não gosto de criança! não tenho paciência! então é isso vai ser um bom profissional esse não vai ser o bom profissional, então para pessoa ter uma ideia eu vou migrar de curso porque assim eu amo o que eu faço, eu digo eu amo o que eu faço no projeto, estou sempre pensando alguma coisa aí eu já pesquisei hoje é dia de quê? hoje é dia do telefone dia do teatro, então assim eu já tenho duas pesquisas aqui então se a pessoa não for as crianças não vão ficar sem atividade a gente vai conversar um pouco sobre o telefone ou sobre o teatro então assim tem pessoas que não têm pessoas que não vão para casa então eu tenho esse compromisso com educação, eu tenho um compromisso social um respeito pelas crianças que vão para lá, que estão lá, e que esperam que eu tenho algo para contribuir na vida dela.

Pergunta 9. Você acha que a universidade ela deveria ter mais disciplinas voltadas para a educação não formal?

Eu acho que sim, e outra coisa eu vejo assim vejo muito blá blá blá vejo muito discurso bonito, muita teoria sabe, mas eu vejo uma coisa que eu tenho uma angústia não é angústia não eu fico triste, porque desde que o ponto de leitura começou a dar atividade lá na Urbis ela sempre deixou as portas abertas para quem quisesse agregar conhecimento dos

meninos, trazer algo para eles, trazer algo para formação deles independente se fosse a, b, c independente se for uma dona de casa ela pode ser muito bem ser uma educadora social, ela vai ensinar o que ela sabe fazer um bolo ,fazer um cuscuz, né fazer um artesanato, fazer um bonequinho, eu acredito que todos nós temos a ensinar, e eu vejo assim a universidade um pouco assim distante, fala tanto da educação das classes populares, que é uma universidade pública, que é não sei o quê mas eu não vejo muitas ações, e olha eu conversei com várias pessoas, gente eu preciso apoio de vocês no ponto de leitura incentivar mais os alunos que a universidade como é distante se tivesse um transporte, o projeto não tem, se eu tivesse um carro eu colocaria todo mundo dentro do carro, como você sabe eu já dei gasolina, as pessoas que estavam sem dinheiro para ir eu já consegui gasolina no posto e deu a nota pessoa que a pessoa vai fazer um estágio lá mas, isso não é sempre por exemplo então que a Universidade desce esse transporte que tivesse ações mais votadas não só por ponto de leitura, para os projetos sociais que os professores se engajassem mais tem professores por exemplo que mandam Estagiários que nunca foram no Ponto de Leitura nunca, foram então mando estagiários já aconteceu de alguns irem e outros que mandam e não foram, então os professores assim pensarem mais projetos para ajudar as comunidades não diga os do centro da cidade, mas as mais retiradas pensar em algo que posso contribuir que posso ajudar as pessoas, professor se engaja mais procurar saber na universidade tem uns dois ou três que sempre me procuram e perguntam o Deli tá precisando disso? qualquer coisa tu me fala, mas os demais é como se o projeto do ponto de leitura fosse esquecido que ele estivesse mais um pouco de interesse de sensibilidade, de saber que o ponto de leitura abre as portas que o ponto de leitura ajuda os estudantes quando precisa de horas de ACC , quando me liga um Deli eu não consegui na escola, me ajula ai pelo amor de Deus, arruma um horário aí e aí eu ligo para a pessoa e fala olha tem como você vir nessa data entendeu eu tenho a maior boa vontade de receber os estudantes tanto é que não tinha um certificado, e eu me preocupava muito em ajudar o estudante eu disse Poxa eu também ajudar eles aí surgiu o certificado, então hoje tem autenticado o estudante que vai eu mando pelo e-mail teve uma menina que fez um estágio em 2018 ela vai fazer um curso fora do Brasil e uma das propostas que ela recebeu, uma das coisas que contavam muito era o trabalho social, ela me ligou e estava em Salvador e falou o Deli pelo amor de Deus, eu mandei para ela já mandou para o Estados Unidos em maio ela já vai fazer o curso dela então para mim isso é muito gratificante o que eu tenho recebido é muito mais do que eu tenho dado.

Pergunta 10. Você acha que seu trabalho nos espaços são formais de alguma forma transforma a sociedade?

Eu acho que eu já respondi mas vou falar de novo, por exemplo o trabalho não formal é o ponto de leitura, tem que falar de mim né é um espaço onde as crianças não são obrigado a ir, não são obrigado a participar, não são obrigadas expressar, não são obrigadas a se expor suas ideias, então eles fazem isso pela questão de não ser obrigados, eles não são obrigados a pegar um livro pra casa, eles não são obrigados a fazer uma leitura, quando eu pergunto e o voluntário demora um pouquinho aí eu falo vamos pegar um livro para a gente ler e levanta 10, 15 aí tem de falar: fulano quem é que quer? 3?2? porque senão todos querem levantar, inclusive os que não sabem ler, porque eles querem fazer a leitura imagética, então assim é muito importante porque a partir do Ponto de Leitura na comunidade, a comunidade já é vista agora as pessoas não enxergam mas a comunidade com o nome seu eu tirar uma foto do começo que era de lama de mato de lixo e arrumei muito a briga, hoje eu sou vista como a contra, como a “confuzenta” mas isso não importa né, hoje na comunidade está sendo construída uma pracinha um parquinho, calçou em volta da escola, , que lá tem ruas horríveis de esgoto a céu aberto ainda, mas eles têm de enfeitar o que é visto né, tem de enfeitar aquilo que as pessoas têm passagem, e assim a partir disso hoje a comunidade da Urbis 2 é vista a partir do Ponto de Leitura porque antes as pessoas tinham medo de ir lá quando ouvia alguma coisa da Urbis 2 quando acontecia alguma coisa matou, roubou, foi preso ne, foi pego com droga isso acontece todo lugar, mas a Urbis 2 por ser mais distante as pessoas tinha esse preconceito com bairro, então a partir do ponto de leitura a partir do espaço Não formal que seja o Ponto de Leitura ou que seja outros espaços o lugar ele é como se fosse assim a realidade escancara, quando as pessoas viram lá e falavam Deli do céu! esse bairro é assim? quantos me diziam isso aí eu vou sentar com prefeito, eu vou procurar não sei quem, eu vou conversar hoje com fulano, porque não pode ser quando eu dizia a gente vai para o pasto brincar com os meninos, os meninos furam o pé com caco de vidro pisam, em bosta de boi, de cachorro, aqui não temos espaço para gente fazer uma queimada, uma corrida de saco, numa área livre então as pessoas indignaram com meu olhar então a partir do meu olhar que eu gostava que eu mandava as fotos que eu dizia brincadeira de criança não combina com lixo, entulho, eu fazia essas postagens brincadeira de criança não combina com poço de lama, eu não tava criticando a gestão, eu queria que as pessoas acordassem e vissem que são crianças que têm direitos, e que elas precisam usufruir dos seus direitos, esse é o papel social eu não poderia estar numa comunidade como a Urbis 2, lá e só ia abrir o Ponto fazer atividades e

fechar os olhos para as coisas, é como eu sempre digo eu olho com os olhos do coração, então eu olho para aquela criança que consigo entender o contexto dela, o contexto de onde ela tá vindo, então é bom ter esses passos, a quando a pessoa vim a pessoa entender que a criança não é mal educada porque ela quer, ela não xinga porque ela quer, ela não bate porque ela quer, é o contexto é no espaço não formal que eu conheço as crianças é lá que eu conheço elas no início eu não sabia o nome hoje seu nome de todos, e tenho ideia do que as crianças passam aquele que mora com a vó, aquele que a mãe mora em Salvador, e todo dia tá na casa da vó da madrinha, que a madrinha não quer ,aquela criança que fala batendo, então hoje eu consigo eu converso, eu entendo o contexto dela então esses espaços é bom que você acaba entendendo a reação de uma criança porque ela é assim será que é porque ela quer ne.

ENTREVISTADA 2

LÓTUS

Pergunta 1. Conte sua história como você chegou aqui?

Eu fiz o curso de pedagogia na FACE Faculdade de Ciências educacionais aqui em Amargosa a graduação né, depois fiz minha pós na FACE também Psicopedagogia Clínica Institucional cheguei também a fazer pedagogia na UFRB no primeiro semestre eu desistir porque não era necessário tá revendo às vezes umas coisas mas foi só por curiosidade mesmo para saber como era a universidade e aí desistir mas, a minha trajetória no Oasis começou com desejo de fazer um trabalho voluntário, como eu te falei eu fui convidada a sobre a coordenação e começamos com trabalho voluntário, porque eu tinha vontade de fazer algum trabalho nesse sentido, uma área de vulnerabilidade aí depois surgiu a oportunidade de ser transferida para lá, pelo município para trabalhar lá que foi assim o útil ao agradável porque eu fiquei com mais tempo para mim ir tô lá até hoje mas, como eu te falei como a demanda e a falta de educadores e não estava dando conta fazendo atividade com as crianças e fazendo a coordenação então eu apertei apenas que eu como educadora para poder dar conta da demanda, e é isso aí estou na Oasis até hoje pelo Município acredito que se um dia ia sair o município me transferir novamente para rede eu vou continuar no Oasis como voluntária e saia bem resolvido, e eu cheguei no Oásis através do convite da coordenadora da ONG de Curitiba do Oasis de Curitiba que veio aqui abriu a asa em Amargosa me convidou para iniciar como coordenadora pedagógica.

Pergunta 2. Qual o tempo de atuação na Educação não formal

O único período que eu trabalhei com educação não formal foi no Oasis então está fazendo 6 anos.

Pergunta 3. Por que optou por atuar na Educação não formal?

Eu não optei aconteceu eu já trabalhava no município eu sou efetiva no município com professora, depois eu fui trabalhar na creche da Catiara para como coordenadora pedagógica da creche e aí junto eu fui para Oasis como voluntária como coordenadora pedagógica fazendo os dois juntos, os dois trabalham juntos, mas não foi uma coisa assim que eu optei simplesmente aconteceu, e eu gostei muito.

Pergunta 4. O que mais lhe satisfaz nesse trabalho em espaços não formais

Eu acho que existe um grande diferencial, porque o currículo é outro, a forma de trabalhar também, porque a gente não tem essa questão de qualificar, de dar nota, eu acho que eu trabalho mais leve, do que dentro da instituição escolar, eu acho, até os educadores a gente vê que trabalha eles não se cobram tanto por conta disso, na escola a gente precisa ver resultados mais imediatos digamos assim, e no espaço de um projeto social ou a gente ver o resultado sem a questão da nota da prova da avaliação né digamos assim.

Pergunta 5. O que você acha que a educação em espaços não formais pode contribuir para a carreira de um pedagogo

Eu acho que todo pedagogo deveria passar por um espaço desse, porque a gente humaniza serviço eu digo isso né, é bem isso a gente trata com questões sociais muito grande, muito forte, e o pedagogo vai além da questão do ensino-aprendizagem da formação do professor, do acompanhamento, do planejamento do resultado das crianças como eu falei antes então o serviço ele é mais humanizado digamos assim.

Pergunta 6. Qual deve ser o posicionamento e postura dos Pedagogos que trabalham nesses espaços

O posicionamento é o mesmo de uma instituição escolar responsabilidades, ter compromisso, é proporcionar a formação continuada com os professores, dá um suporte para educadores, acompanhar o andamento das atividades, acompanhar as atividades estão

coerentes com o a proposta do local, então não tem muita diferença não eu acho que a responsabilidade é tamanha.

Pergunta 7. Você acha que é necessário o pedagogo nesses espaços de educação de educação não formal?

Sim, sim não só nos projetos sociais, mas também em outras instituições também eu acho que o pedagogo ele só tem de acrescentar e contribuir para que esse trabalho seja mais eficaz e mais eficiente.

Pergunta 8. Sendo pedagogo você sentiu alguma ausência na sua formação que lhe preparou ou não para essa função?

Não eu acho que a graduação ela lhe qualifica, mas a experiência no chão mesmo da instituição é que vai mesmo lhe formando ne, você continuar sua pesquisa, seus estudos, e buscar respostas, e experiências é que vai contribuindo lhe preparando para a função na verdade.

Pergunta 9. Você acha que seu trabalho nos espaços são formais de alguma forma transforma a sociedade?

Sim, sim eu acho que pelo menos o Oasis é um agente transformador é um agente de transformação que Visa isso, não só tá trazendo uma atividade programática, mas também tá trazendo condições de estar suprindo todas as necessidades acadêmica, social, física, emocional toda uma estrutura para que eles possam estar vivendo de uma forma melhor vindo de onde eles estão vindo, de uma área de vulnerabilidade social tão grande, então eu fico muito satisfeito com que eu faço lá apesar de não estar hoje como coordenadora estou no Oasis hoje como Educadora hoje não temos coordenador pedagógico, é porque precisou de outro educadores que a demanda foi muito grande e não tava dando conta de atuar na atividade da sala de aula e coordenação então optei por ficar na sala de aula.